

Revolução

nas fábricas nos campos nos quartéis

VOTA

CONSELHOS

REVOLUCIONARIOS

PELA

DITADURA DO PROLETARIADO



PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO • BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

Comissões de Moradores

Leitora do vosso jornal tenho verificado a vossa preocupação na abordagem de problemas, que muitos são no actual momento político-social que se atravessa, sem cair em demagogias e falsos conceitos.

Por esse facto venho solicitar a publicação desta carta, com o único propósito de contribuir com algumas achegas para a clarificação do assunto que foca. Trata-se das Comissões de Moradores. A quem servem?

A propósito de Comissões de Moradores que têm surgido, umas por iniciativa dos mesmos, outras por captação das Juntas de Freguesia ou de elementos fazendo parte das mesmas, ou ainda de Organizações interessadas na sua mobilização, ocorre-me definir alguns conceitos no sentido de alertar os directamente interessados — o Povo deste País — para uma iniciativa que considero fundamental no processo de esclarecimento político das populações levando à prática acções que visem objectiva e inequivocamente a defesa dos seus legítimos direitos, tão duramente defraudados durante o fascismo.

Mas... defender como? Só Comissões de Moradores verdadeiramente autónomas, isto é, sem interferência de Juntas de Freguesia ou de qualquer Entidade, eleitas pelos moradores de freguesia ou bairro a que pertencem, conterão em si as condições que possibilitem efectivamente levar à prática a defesa dos mesmos. Porta-voz dos seus anseios, a essas C. M. tem de estar vedada a liderança e a actuação de cúpula. Temos de convir que o 25 de Abril, abriu largas perspectivas creativas ao povo, de menor ou maior dimensão, consoante as capacidades de iniciativa do mesmo. Compete pois ao povo libertar-se da opressão exercida durante 48 anos, e clamar bem alto o que pretende. Mas clamar como? A construção de uma sociedade nova, em meu entender, tem de passar pela total destruição da sociedade velha, o que significa a impossibilidade de tolerância ou transigência para com os sustentáculos do fascismo e seu acólitos que levaram este País ao caos e este povo a um estado de depressão moral e física, de tal modo traumatizado que o 25 de Abril, mesmo após quase um ano decorrido, não se lhes apresentou ainda na sua verdadeira dimensão. Por obra da repressão a que foi sujeito, através de gerações e gerações, não conseguiu descobrir ainda em si mesmo a grande força que representa no processo renovador e, em consequência, não se deu conta inteiramente da sua real capacidade de transformar,

de criar ele próprio, em suma, a sociedade nova. Não representa esta análise um atestado de imaturidade passado ao povo, antes pelo contrário, pois se é certo que o povo pode estar, digamos, embaraçado para propôr soluções para os graves problemas que o afectam, não é menos certo que está consciente das situações que não lhe interessam. Aí, se tem manifestado a sua consciência de classe explorada, que não quer aceitar alianças com esquemas tipo "mésinhos" que nada curam. Porém, forças contrárias, ainda latentes na função pública e não só cujo processo de saneamento não foi levado às últimas consequências, continuam por isso as suas influências e o seu processo de travão da emancipação deste povo que se vê, grande número de vezes, colocado entre o dilema da solução premente dos problemas que lhes surgem a nível económico e a sua consciencia de classe que os levaria, prioritariamente, à denúncia dos processos a que, não obstante o 25 de Abril, continuam submetidos. No meu ponto de vista estamos em situação pré-revolucionária e todos os esforços serão poucos para vencer a muralha de múltiplas carências e levar à prática acções coerentes com o período que se atravessa para lhes dar solução. O povo tem de avançar com propostas concretas sobre o que directamente lhes diz respeito. Mas... avançar como? Em minha opinião, as Organizações ou Partidos políticos que dizem identificar-se com os interesses do povo, não têm mais do que cumprir a missão de os coadjuvar na concretização dos seus anseios, isto é, porem-se inequivocamente ao seu serviço. Às Juntas de Freguesia ou outras Entidades, se inseridas no processo revolucionário, tem de lhes estar vedado exercer pressão de qualquer ordem na forma de condução dos assuntos que ao povo directamente dizem respeito. Situação melindrosa seria para elementos de Juntas de Freguesia que não tivessem a necessária clarividência de se confundir com "a solução na continuidade". É que as Juntas de Freguesia, no regimen de deposto, eram órgãos de pressão dos moradores por elas abrangidos com incidência ultrajante para aqueles mais desfavorecidos ao nível económico. Situação melindrosa seria também se elementos de Juntas de Freguesia, simultaneamente membros de partidos não soubessem ser isentos de partidarismos ou sectarismos e tentassem controlar a luta em vez de coadjuvarem esforços travando assim a sua autonomia, condição necessária ao desenvolvimento do processo revolucionário.

Por outro lado, se o povo tem

estado com o M. F. A., o povo espera que o M. F. A. continue com ele. É evidente que me refiro ao sector de esquerda do M. F. A., pois o 11 de Março provou existir no M. F. A. um leque de correntes que convem não menosprezar. As Forças Progressistas deste País só o poderão ser verdadeiramente se caminharem para a construção do socialismo, não através de etapas mas por transformações profundas pois profundas têm de ser, face à sociedade caduca. E, coerente na

hora presente, eu afirmo: O povo sabe o que quer. É evidente que me refiro à classe trabalhadora pois não concebo outro povo. E faço um apelo: Unamo-nos na conquista de um Portugal novo, pela destruição da exploração do homem pelo homem, pela salutar utilização da linguagem da verdade, única que o povo quer, entende e é revolucionária.

Ao vosso Jornal as minhas saudações revolucionárias.

SÓNIA

ZANGAM-SE AS COMADRES...

A actual campanha eleitoral tem servido para os diversos partidos darem largas aos recentismos que nutrem pelos seus comparsas no jogo eleitoralista.

A principal vítima (...) deste lavar de roupa suja já não é o neo-fascista CDS, mas sim o "social-democrata" PPD, visto que sofre ataques dos partidos situados à sua esquerda — e são quase todos — e dos que estão à sua direita.

Consideramos exemplar o Comunicado do CDS, desmascarando o PPD como um irmão de sangue, um agrupamento que tem muito a ver com os golpes reaccionários desferidos contra o regime surgido após o 25 de Abril. Respondendo às acusações que o PPD fez e identificando o CDS com as intencões e crises, que atentaram contra a ordem estabelecida pelo MFA, o CDS responde que "o MFA também sabe qual foi a atitude do PPD naquela primeira crise" (a de Palma Carlos).

Não querendo (nem sendo) o único representante da ideologia fascista antes do 25 de Abril, o CDS analisa a linguagem do PPD indo descobrir subitas semelhanças com a linguagem da camarilha salazar-marcelista.

Neste contexto destacamos duas passagens do comunicado do CDS:

"A Comissão Distrital do Porto do PPD, à boa maneira do antigo regime, procura imputar todas as responsabilidades à herança recebida. Já conhecemos de há muito, esta linguagem. Antes do 25 de Abril também se dizia que a situação do país era fruto de conspiração internacional e dos fracassos da I República."

Com estas afirmações, o CDS iliba o regime fascista, pretendendo que os males que agora afligem o Povo Português não são originados pela ditadura de 48 anos, e ao mesmo tempo vincula o PPD a essa mesma ditadura, não o deixando desertar do campo a que ambos pertencem: ao da Burguesia reaccionária.

Admoestando o PPD, como um

pai faria ao seu filho pródigo, o CDS tira-lhe do pensamento todas as vaidades "esquerdistas", demonstrando-lhe por A+B que afinal estão ambos do mesmo lado da barricada: ao lado da burguesia reaccionária, desorientada pelo avanço das classes trabalhadoras. É dentro dessa perspectiva que termina o comunicado:

Enfim, interessa registar a acusação que o PPD fez ao CDS de ser um partido de oposição de direitas. Mas quem é que afirmou no dia 6, no Campo Pequeno: não podemos entrar em saudosismos estereís pela perda, por menos a curto e médio prazo, da democracia formal com que nos tenhamos em Abril-Maio de 1974? E o CDS finaliza com o desmascaramento da linguagem esquerdistista do PPD, definindo-o como um seu igual: um partido de direita fascizante.

"Então a democracia política é um saudosismo estéril? Para quem? Só há uma resposta: para aqueles que, no fundo, não acreditam nela. Ou seja, para os que têm afinal, uma psicologia de direitas apesar da roupagem oportunista de esquerda com que se disfarçam. Não ouviamos idênticas afirmações em 1969? Decididamente, quem tanto se preocupa com quem está à sua direita, muito pouco convencido deve andar do seu esquerdismo". Uma virtude (talvez única) que tem a actual campanha eleitoral, é de se desmascarar os falsos partidos democratas, e de se apresentar ao respeitável público as rixas entre os burgueses. Serve também para marcar a diferença entre os partidos ditos revolucionários e aqueles que como o PRP-BR não alinharam em aventuras eleitoralistas, não tentando desmobilizar a classe e mantendo — se consequentemente revolucionário.

Como diz a sabedoria popular: zangam-se as comadres descobrem-se as verdades. E tudo isto em nome do Povo e da Democracia...

F A

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

NÃO HÁ SAÍDA EM SISTEMA CAPITALISTA

Os mais variados problemas com que o País neste momento se debate, desde o desemprego à produção insuficiente, desde a inflação ao (des)investimento, não têm solução possível com a aplicação de reformas, que mais não são que remédios, tentando apenas conduzir à consolidação de uma democracia burguesa ou à instauração de um capitalismo de Estado. Esta a solução pretendida pelos partidos da coligação governamental; esta a solução que nós consideramos impossível dentro do ponto de vista do proletariado, até pelo avanço dos processos organizativos e de luta da classe. A tentativa de solução para alguns problemas implicará sempre o agravamento de outros. Aquilo a que se chama um círculo vicioso.

NO JOGO DOS CAPITALISTAS NÃO ENTRAM OS PATRIOTISMOS

Começamos pelo problema da inflação: a inflação consiste num aumento generalizado do nível de preços e pode ser causada por uma falta de capacidade de resposta imediata da produção a um aumento de procura, agravada ou provocada por especulação ou sabotagem dos intermediários. Esta falta deve-se ao facto de estarem quase todas as nossas unidades produtivas voltadas para o mercado internacional. E porquê esta situação?

Como explicar que os capitalistas portugueses se virassem para o mercado externo em vez de produzirem para o povo português? Chamamos aqui a atenção para o tal patriotismo dos empresários de quem o Sr. Brigadeiro Vasco Gonçalves muito espera. Era bom que o Sr. 1º Ministro deixasse de acreditar tanto naqueles cujo patriotismo sempre se mediu e continuará a medir (se lho permitirmos) em escudos.

Claro que o Mercado Internacional se revela mais atractivo para o empresário nacional e isto, desde logo, porque o poder de compra dos trabalhadores portugueses é muito menor que o dos trabalhadores da maioria dos países da Europa (por exemplo: cerca de 1/3 dos trabalhadores franceses); significa isto que o mercado português é muito pequeno para o nosso industrial... Tal deve-se ao facto de serem muito pequenos os salários que este está disposto a pagar para concorrer depois no mercado externo.

E em resumo: mercado internacional porque o nacional é pequeno; salários baixos para permitir preços internacionais de concorrência; salários baixos e portanto mercado interno muito pequeno.

O QUE SE EXPORTA É A FORÇA DO TRABALHO

Então vamos exportar! (dizem os capitalistas). Exportar o quê? Que produtos fabrica Portugal para exportação? Pensa-se normalmente que se exportam os produtos que nos sobram, que não fazem falta ao povo português. Contudo isto não é verdade. A produção foi sempre virada para o fabrico daqueles bens que exigem processos em que se faça ao máximo o aproveitamento do baixo custo de produção provocado pelos salários de fome. Assim os nossos empresários não exportam o seu trabalho, as suas ideias, os seus riscos e iniciativas. Eles exportam sim, o esforço, o trabalho, o suor do proletariado, tirando dele o máximo lucro e pagando em troca salários de miséria que lhes permitam continuar a concorrer com os seus amigos capitalistas de outros países.

O QUE FABRICAMOS NÃO FICA CÁ

Claro que sendo a produção nacional orientada para a exportação não será independente na escolha daquilo que há-de produzir; se os capitalistas querem obter o máximo lucro, não irão produzir aquilo de que precisamos para viver, mas sim o que o mercado internacional lhes pretender comprar. Os industriais não decidem sequer aquilo que vão fabricar e vender no estrangeiro, porque quem em última análise ordena a produção são as multinacionais, que encontram no nosso país a fábrica onde têm uma das mãos de-deobra especializadas mais baratas do mundo. Assim, Portugal sofre a colonização das grandes multinacionais; por exemplo, da electrónica em que fabricamos as peças, os componentes primários, que compraremos depois ao estrangeiro pelo preço por ele pretendido, como se não tivessem sido os próprios portugueses a fabricá-los.

QUEM NOS IMPÕE OS PREÇOS DOS PRODUTOS?

E afinal, se a nossa produção é fundamentalmente de bens que não são de 1ª necessidade, de bens na maioria destinados à exportação, como obtemos aquilo que de facto precisamos para viver? Quanto a esses bens encontramos-nos na dependência directa das importações. O facto de precisarmos de importar a maior parte dos produtos de que temos necessidade premente, leva-nos a abrir a porta para a inflação; temos de aceitar os preços que o capital

estrangeiro nos impõe. É, aliás, evidente que se nós quisermos vender um televisor, compramos ou não conforme o preço nos agrada; mas o leite teremos de o comprar, seja por 5\$00, por 10\$00 ou por 15\$00 o litro, pois os nossos filhos precisam dele. E o que se passa com o leite, passa-se com as batatas, a carne, o pão... e se os seus preços forem cada vez mais elevados, influenciando o nível geral de preços, e para os trabalhadores o poder de compra baixa: a inflação está à vista.

CRISE DO CAPITALISMO = DESEMPREGO

Neste momento o sistema capitalista está em crise; crise de superprodução, ou seja, há excedentes produzidos e que não encontram comprador. Isto significa que haja mais produtos que o necessário, mas, que há mais produtos do que os que podem ser comprados. É por isso que vemos o "excedente" ser armazenado em "stocks", destruído para aumentar o seu valor de mercado ou ainda enviado para países que dele necessitem, mas então a preços incompatíveis com o poder de compra da maioria dos trabalhadores. Isto porque o trabalho executado pelo operário não lhe é pago na totalidade, nem mesmo aquilo que produz. Portanto, como o que é produzido não corresponde ao consumido, os "senhores" capitalistas, detentores do poder económico, reduzem a produção para manterem os lucros; recorrem então aos despedimentos e aparece o desemprego. Este vem ainda baixar o poder de compra dos trabalhadores, agravando toda a problemática anterior e levando os capitalistas a aumentos de preços que lhes permitirão manter os lucros do costume; tanto mais que diminuindo o poder de compra dos trabalhadores em geral, estes ver-se-ão obrigados a vender a sua força de trabalho mais barata com o consequente aumento da exploração e dos lucros do patronato devido à baixa dos custos de fabrico.

Quando a produção não dá o lucro necessário (aquele que a entidade patronal espera obter), os capitalistas deixam automaticamente de investir o que implica uma diminuição do dinheiro empregue nas fábricas e a dificuldade na continuação do processo produtivo; faltam os materiais, matérias-primas, os produtos para transaccionar, etc.. Depois, vem o desemprego e as consequências.

Foi, este, aliás, o processo utilizado para boicotar a economia chilena. Provocando o caos económico e sujeitando os trabalhadores a uma inflação que chegou a atingir os 300%, o im-

perialismo fomentou o golpe fascista de Pinochet, que controlava um exército confuso pela degradação em flecha da economia nacional.

Acabamos de dar alguns tópicos que permitem a qualquer um examinar as possibilidades de saída, para a economia portuguesa, numa via capitalista. A conclusão vem rápida:

UMA SÓ SOLUÇÃO... QUE NÃO RIMA COM REFORMAS

Mas esta não passa certamente por "reformazinhas" como as que se têm feito até hoje ou têm sido defendidas pelos partidos reformistas. Também não defendemos a política da "terra queimada" no sentido em que o Brigadeiro Vasco Gonçalves a enunciou numa recente conferência de imprensa. Mas defendemos que os trabalhadores devem produzir aquilo que será por todos (os trabalhadores) distribuído depois. Não aceitamos a redistribuição no sentido de dar mais a quem produz é um pouco menos a quem nada contribui para a riqueza nacional. Para nós, a redistribuição será: **tudo para os que trabalharam, nada para os que nada fazem.** Pensamos que há quase tudo a aproveitar no nosso país (pois tudo é produzido pelo trabalho). Mas uma coisa os trabalhadores não estarão dispostos a aceitar: a estrutura capitalista de produção e distribuição dos bens. Porque dentro dela, quanto mais produzir à custa do seu esforço, mais estará a contribuir para um falso processo de enriquecimento e para encher mais os bolsos dos patrões. Porque estará a contribuir para aumentar o desemprego, etc...

NACIONALIZAR, COMO?

Agora fala-se muito nas nacionalizações e é evidente que são um passo importante para o controle económico. Mas é preciso que sejam apenas um passo, que não se façam só sobre as empresas em estado de falência ou "deficit" constante mas que englobem todas as empresas de importância económica vital. É preciso que se façam sem indemnizações. Afinal, indemnizar quem? Os capitalistas? E não será isso contribuir para a manutenção da concentração do capital nas suas mãos? E quem pagará essas indemnizações? O governo evidentemente. E com que dinheiro? com o dos trabalhadores, claro!

CAMARADAS:

A classe operária não se pode iludir nem enganar a si própria.

O segundo relatório da CIP (Confederação das Indústrias Portuguesas) falava em capacidade produtiva, capacidade instaladora, largamente superiores às necessidades do mercado; em "sobre equipamento" em "capacidade excedentária". Afinal o que parece haver não é falta de capacidade, mas antes uma má aplicação da mesma no processo produtivo. Pois entreguem o capital aos trabalhadores que certamente lhe saberão dar um aproveitamento conducente à criação de uma real riqueza nacional.

O principal, o Verdadeiro problema nacional neste momento é económico; mas para solucionar este problema a única solução não é económica: é política. E chama-se **REVOLUÇÃO SOCIALISTA.**



MAO STALIN

e a economia da U. R. S. S.

Os comités provinciais e regionais do Partido devem estudar este livro. A sua leitura, no passado, não deixou impressão profunda. Convém estudá-lo de agora em diante, confrontando-o com as realidades chinesas. Nos três primeiros capítulos, muitas coisas merecem reter a nossa atenção. Muitas das coisas descritas nestes capítulos são justas.

STALIN E A ECONOMIA PLANIFICADA

Em certas partes, porém, pode-se dizer que Stalin não conseguiu fazer o ponto. No primeiro capítulo, por exemplo, ele apenas dedica algumas frases às leis objectivas e à economia planificada sem desenvolver estes problemas. Talvez que no seu espírito a economia planificada da União Soviética reflecta já as leis objectivas. Quanto aos problemas da indústria pesada, da indústria ligeira e da agricultura, a União Soviética não prestou qualquer atenção às duas últimas. Dai resultou sofrerem-lhe as consequências. Por outro lado, as relações entre o interesse imediato e o interesse a longo prazo do povo estão mal estabelecidos pelos soviéticos; essencialmente, eles andam sobre uma só perna. Entre o Plano soviético e o Plano chinês, qual deles no fim de contas é mais conforme a um desenvolvimento planificado e proporcionado? Enfim, Stalin só põe em relevo a tecnologia e os quadros técnicos. Só quer a técnica e os quadros. Ignora a política e as massas. Também aqui anda sobre uma só perna.

No domínio da indústria, põe o acento sobre a indústria pesada. Stalin não indica também o aspecto essencial da contradição. Põe o acento sobre a indústria pesada, dizendo que é o aço a sua base e as máquinas o seu coração. Quanto a nós, pensamos que no domínio da agricultura, a produção de cereais constitui o princípio directivo e que no domínio da indústria é a produção de aço o princípio directivo. Considerando o aço como princípio directivo; procuramos a matéria-prima para as nossas indústrias e a indústria mecânica desenvolve-se, consequentemente. No primeiro capítulo do seu livro, Stalin põe o problema e fala das leis objectivas. Mas não dá resposta satisfatória a este problema.

ECONOMICISMO E IDEOLOGIA

O segundo capítulo trata do problema das mercadorias e o terceiro da lei de valor. Concorde com bastantes pontos de vista que aí são expressos. Stalin divide a produção em duas grandes categorias e afirma que os meios de produção não são mercadorias. Isto merece ser estudado. Na China, no sector da agricultura, um bom número de meios de produção devem ser ainda considerados mercadorias. A meu ver, a última das três cartas de Stalin, colocadas em anexo no seu livro, exprime um ponto de vista quase completamente errado (1). Distingue-se aí uma grande desconfiança em relação aos camponeses, assim como a vontade de não relaxar o controlo sobre as máquinas agrícolas. Por um lado, Stalin diz que os meios de produção pertencem ao Estado e por outro, afirma que estes são demasiado caros para os camponeses. Na realidade, ele engana-se a si mesmo. O Estado exerce um controlo asfixiante sobre os camponeses e Stalin não encontrou nem o método bom nem a boa vida que levam do capitalismo ao socialismo e do socialismo ao comunismo. Para ele, é qualquer coisa de muito embaraçante.

A forma de mercadoria é legada pelo capitalismo. Provisoriamente, devemos conservá-la ainda. A troca de mercadorias e a lei de valor têm um papel regulador da nossa produção. Na China, é a planificação, o Grande Salto em frente planificado e o princípio da primazia da política que exercem uma acção reguladora. Stalin não fala senão das relações de produção. Não fala da superestrutura nem das relações entre esta e a base económica. No nosso país, os quadros participam no trabalho manual e os operários na gestão das empresas. Enviamos os quadros para trabalharem nos campos ou nas fábricas, a fim de os formar. Abolimos as velhas regras e os velhos sistemas. Tudo isso diz respeito à superestrutura, isto é, à ideologia. Stalin fala unicamente de economia; não aborda a política. Ainda que mencione o trabalho benévolo, no seu país, de facto, ninguém se quer sacrificar trabalhando mais uma hora. Não fala do papel do homem nem do dos trabalhadores. É preciso saber que sem o movimento comunista, é difícil passar ao comunismo. A

Consideramos que o publicando um texto de conhecimento dos teóricos Gramsci, apresentamos em seguida um extracto de uma obra de Mao-Tsé-Tung.

Porquê Mao? Como diversas vezes tem afirmado o, PRP-BR considera que o anterior do «Revolução», marxismo não é uma religião,

não adoptando como figura carismática nenhum ideólogo da classe, mas entende que

fazem parte do seu ideário político todos aqueles que tiveram uma importância

decisiva para a história do movimento operário.

expressão «todos para mim, eu para todos» não é apropriada porque o eu está sempre presente. Alguns dizem que esta expressão foi empregue por Marx. Mesmo que fosse verdade, não somos obrigados a fazer-lhe propaganda. «Eu para todos»: a quantas pessoas poderei ser útil?

O SOCIALISMO E COMUNAS POPULARES

O poder legal da burguesia manifesta-se no ensino jurídico burguês. Devemos destruir uma parte da ideologia deste poder. Devemos desembaraçar-nos resolutamente da atitude arrogante, dos três maus estilos, dos cinco aspectos indesejáveis (2) e do desprezo pelos simples trabalhadores. Mas não é necessário suprimir de um só golpe a circulação das mercadorias e a lei de valor, ainda que também elas pertençam à burguesia. A tese que preconiza a destruição imediata é errada. No momento em que fazemos propaganda para eliminar totalmente a ideologia do poder legal da burguesia, esta questão deve atrair a nossa atenção.

Numa sociedade socialista, uma minoria compreendendo os grandes latifundiários, os camponeses ricos e os elementos direitistas quer promover e restaurar o capitalismo. Mas a grande maioria das pessoas quer progredir em direcção ao comunismo. Da mesma forma que não podemos atingir o céu dum só salto, é preciso passar ao comunismo etapa por etapa. Nas comunas populares, por exemplo, a produção dos produtos destinados ao consumo interno deve ser aumentado e a troca de mercadorias desenvolvida paralelamente. Recorremos à troca de mercadorias e à lei de valor como instrumentos para facilitar o que é um país onde a produção mercantil está muito atrasada. O ano passado, produzimos 370 milhares de chin, dos quais cerca de 80 a 90 milhares de chin para o mercado. Além dos cereais, a produção de plantas industriais, tais como o algodão e o linho não está também muito desenvolvida. Temos igualmente necessidade de passar por uma etapa de desenvolvimento. Encontram-se ainda entre nós, actualmente, muitos destri- tos onde se fornecem refeições gratuitas, daí a incapacidade de pagar salários. Na

provincia de Hopei, há três distritos nesta situação. Num dos três pagam-se salários, mas salários baixos, de três e cinco yuan. É por isso que devemos desenvolver a produção, incluindo a de produtos que não os cereais que possam ser vendidos contra dinheiro líquido. Na conferência de Sian sobre a agricultura não pretámos a suficiente atenção a este assunto. Em suma, ao nível da produção mercantil, a China é um país sub-desenvolvido que no entanto já se empenhou profundamente no socialismo. Certamente devemos destruir uma parte do poder legal da burguesia. Mas é necessário conservar ainda a produção mercantil e a troca de mercadorias. Entre nós, pensa-se geralmente que quanto mais depressa passarmos ao comunismo melhor será. Alguns preconizam mesmo a passagem ao comunismo em três ou quatro anos. No distrito de Fan, provincia de Shantung, por exemplo, esse prazo foi fixado em quatro anos. Será melhor ir mais lentamente.

BURGUESIA E DITADURA DO PROLETARIADO

Actualmente, certos economistas não gostam da ciência económica. Iarochenko, por exemplo, é um desses casos (3). Na hora actual e mesmo durante um certo período no futuro, devemos alargar as trocas de produtos entre as comunas populares e aumentar ainda mais a produção mercantil. Senão, o pagamento dos salários não pode ser assegurado nem o nível de vida melhorado. Certos camaradas cometem erros cada vez que têm que resolver um problema relativo às mercadorias e à produção mercantil. É necessário eliminar quotidianamente, as leis e os poderes da burguesia: o sistema de distribuição gratuita. Em 1953, qualificação, hierarquia, a atitude negativa face as vantagens do sistema da distribuição gratuita. Em 1953, substituímos o sistema de distribuição gratuita pelo das remunerações. Foi uma medida essencialmente correcta mas representou um recuo absolutamente necessário. No entanto, cometemos um erro cedendo no problema da hierarquia. Dai resultou que, durante um certo período, houve esforços de subir na escala da hierarquia. Foi somente depois de uma campanha de

rectificação que este fenómeno perdeu a sua importância. O sistema da hierarquia reflecte as relações entre pais e filhos, entre gatos e ratos. É preciso destruí-lo dia após dia. Enviar quadros para o campo trabalhar nas quintas experimentais é um dos métodos para transformar o sistema da hierarquia. Sem a transformação deste sistema, não haverá o grande salto em frente.

Os elementos da burguesia podem ser aceites como membros nas comunas populares urbanas. Mas nesse caso guardam o seu estatuto de classe.

SOCIALISMO OU COMUNISMO?

Socialismo ou comunismo? Em que momento se pode dizer que a construção do socialismo está acabada? Formulámos dois critérios:

1 — O acabar da construção do socialismo manifesta-se pela aplicação geral do sistema socialista da propriedade de todo o povo.

2 — Logo que o sistema da propriedade de todo o povo tenha substituído o sistema da propriedade colectiva das comunas populares.

Alguns camaradas não estão de acordo em fazer uma distinção entre estes dois sistemas de propriedade. Afirmam que nas comunas populares, o que existe é o sistema da propriedade de todo o povo. Na realidade, há dois sistemas: um é o sistema da propriedade de todo o povo do tipo «Siderurgia de Anshan» (4), o outro é o sistema de propriedade da grande colectividade das comunas populares. Se se ignora isto, então para que serve ainda a edificação socialista? Stalin traçou uma linha de demarcação entre os dois sistemas preconizou três condições para passar ao comunismo. Essas três condições fundamentais não são incorrectas.

As duas primeiras podem resumir-se assim: 1) aumento de produção social; 2) passagem do sistema de propriedade colectiva ao sistema da propriedade de todo o povo, substituição dum sistema de trocas de mercadorias por um de trocas de produtos, passagem da etapa do valor de troca à etapa do valor de uso. Na China, estas duas condições significam: primeiro, aumentar energeticamente a produção e desenvolver simultaneamente a indústria e a agricultura, seguindo o princípio da pre-

A CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DE VASCO GONÇALVES

e o estudo dos teóricos



Vasco Gonçalves é um homem de boa vontade. Dificilmente se levantam críticas de esquerda contra o Primeiro Ministro, não porque as suas posições não o mereçam muitas vezes, mas porque a sua posição pessoal de generosidade e de franqueza o dificulta. Esperemos que seja isso e não a machadinha da lei ou da censura que impeçam realmente as posições de esquerda de se expressarem livremente.

Vasco Gonçalves exprime a maior parte das vezes posições reformistas. E com isso tem conseguido que muitas vezes os trabalhadores o identifiquem partidariamente, talvez sem acertarem. E se dizemos que não acertam é porque a sua abertura, a sua franqueza e a sua defesa intransigente da independência nacional não têm marca partidária. A vinculação parece não existir; no entanto esta análise, que assim se pode fazer, não é transparente para a grande massa dos trabalhadores politizados (os não politizados é outra história), o que conduz a equívocos prejudiciais a maior parte das vezes.

E se dizemos que Vasco Gonçalves tem posições reformistas, dizêmo-lo no sentido de que prefere as reformas à Revolução, de que defende a via pacífica em vez da via violenta, de que escolhe as mudanças graduais em vez da mudança radical. Com o que discordamos, pois que pensamos que a única forma de impedir o regresso ao fascismo é a mudança radical, económica, política e social, pondo os trabalhadores à cabeça e à defesa do país, juntamente com os soldados e os oficiais revolucionários. O que só se consegue com o socialismo revolucionário a 100% e com estruturas de base. E tememos que Vasco Gonçalves tenha vocação de Allende, igualmente generoso, mas igualmente iludido e vendo só uma parte da realidade. O que é lamentável por Allende, o que é lamentável por Vasco Gonçalves, mas o que é sobretudo perigoso para a classe operária, seja ela chilena ou portuguesa, porque essa morreu e pode morrer aos milhares, o que é certeza aos

trágico do que a morte de um homem, por mais honesto que ele seja.

E se dizemos que Vasco Gonçalves é reformista, e se criticamos Vasco Gonçalves também temos a certeza de que este homem fez dos discursos mais irreverentes e menos conservadores depois do 25 de Abril. Com relevo especial para o discurso de inauguração do ano lectivo da Academia Militar, em que pôs tudo em causa. E a sua própria pessoa e a sua vida também.

O nosso direito de criticar Vasco Gonçalves vem-nos portanto de pensarmos que as liberdades não são para louvar o poder, mas sim para criticá-lo. Mais do que isso, para pô-lo em causa e substituí-lo por um poder dos trabalhadores. O que só se conseguirá pela organização dos trabalhadores na luta.

Vasco Gonçalves merece-nos portanto uma crítica. E merece-nos nos dois sentidos - positivo e negativo.



Em relação às posições do Primeiro Ministro em referência aquilo a que chama "grupos esquerdistas" ou "formações extremistas de esquerda", Vasco Gonçalves toma posições erradas teórica e praticamente.

E quando diz, referindo-se ao "esquerdismo" que é "falta de senso político e de instrução política", que "é um traço da nossa falta de politização, que "as pessoas não estudam convenientemente as realidades. São muito novas, ouvem os "slogans" e atiram-nos cá para fora. É claro, que o estudo da realidade e o político não lhes dá direito a que se furtem a essa crítica. Pois se é verdade que muitos grupos de esquerda não fazem análise da realidade e vivem religiosamente de slogans, também é verdade que os militares, à sombra do poder político, se acham no direito de cometer com a vontade toda a espécie de erros de análise. É assim que quem, por situação política tem direito a uso de tempo de antena com limite indeterminado, deve refletir bem sobre o que diz, pois que milhões de pessoas o escutam, uma boa



percentagem delas com a credulidade que assimila poder a verdade. Será isso um contributo para a politização? E assim que quando o Primeiro Ministro diz:

Há mesmo atitudes que chegam ao ponto de dar a ideia - dão-me a mim, pode ser que eu não esteja a ver bem... - a ideia da "terra queimada": "vamos lá a arrasar isto tudo para construir um mundo novo". Isto é claro, um erro, ignorância, eu sei lá. Porque, como é que se pode pensar que se vai construir um mundo novo, arrasando tudo o que existia antes? Isso é não perceber nada da história! Queimar, destruir todo o trabalho anterior, é assim que julgam que combatem o capital?

Mas o que será o capital? O capital não é trabalho acumulado? No capital não está acumulado o trabalho de gerações, numa fábrica, numa oficina que está aí em pé, a funcionar ou nos equipamentos? Como é que eles foram construídos, não foi com o trabalho humano? Então a gente vai arrasar tudo para construir de novo? É claro, vamos voltar à Idade da Pedra...

Perguntamos: contribui isto para a instrução política? E somos obrigados a contestar, lamentando não ter igual possibilidade de meios de comunicação para criticar as ideias expressas. Pois pensamos que nessa exposição se desvirtua aquilo que é a luta contra o capital. A luta contra o capital não é a luta contra o que está construído pelo capital, mas sim a luta contra os capitalistas. A luta contra o capital é retirar a meia dúzia de senhores, os donos do capital, a possibilidade de explorarem o trabalho dos outros, de serem donos dos seus destinos. A luta contra o capital não é destruir as fábricas e outros instrumentos de produção é retirar delas os capitalistas, que parasitam o trabalho dos outros. E quando se diz que se quer construir um mundo novo, não é sobre as ruínas

principalmente o estudo concreto da nossa situação concreta são de aconselhar a quem se reivindicou da classe operária. Mas atrevemo-nos também a aconselhá-lo e muitos militares do MFA, que por o serem não ficam ilibados de cometerem grandes erros teóricos e se a época, pela intensa actividade, pelas reuniões, não está para grandes estudos (apesar disso as edições do "Capital" de Karl Marx que por aí andam não ficariam mal nas mãos dos militares), tem que estar para uma reflexão séria sobre o conjunto da realidade portuguesa; e que o bom senso substitua os buracos teóricos. E que a dúvida sistemática seja aplicada no julgamento dos outros.

Que o homem generoso e sem ambição que é Vasco Gonçalves pense que talvez os capitães do Conselho da Revolução tenham razão quando falam em Revolução Socialista e quando dizem que a expressão "via socializante", que ele ainda usa, é um eufemismo.

Talvez que os revolucionários não queiram destruir, mas sim construir.



não às eleições

sim à revolução

socialista

somos materialistas dialécticos

Na "República" de 4 de Abril de 1975 o dirigente da LCI Adelino Fortunato é entrevistado, e à pergunta: "A LCI tenciona desenvolver alguma acção conjunta com outros grupos trotskistas?" feita pelo jornalista responde:

"Temos, em relação a outras organizações trotskistas, divergências que podem evoluir de determinada forma. Mas não há nenhuma perspectiva de frente com qualquer desses grupos. Com o PRP-BR, por exemplo, em várias ocasiões desenvolvemos acções unitárias e tivemos boas relações, como por exemplo no caso do Congresso do CDS, no Porto. Mas não pensamos em nenhuma aliança".

Pensa o PRP-BR que esta afirmação é um abuso da LCI, visto englobar este partido nas organizações trotskistas. Idêntica indúscia tem sido feita por algumas organizações maoístas (no que uns e outros se tornam coincidentes teoricamente, pelo menos neste ponto), o que nos dá ensejo a um esclarecimento público, a necessidade do qual se viu reforçada por uma cena ocasionada por um militante da LCI num comício do PRP-BR no domingo dia 13, no Clube Atlético de Campo de Ourique.

Como sempre nos seus comícios (excepto no Campo Pequeno onde é tecnicamente impossível) o PRP-BR abriu debate público, recebeu perguntas escritas e orais e cedeu um microfone a quem o pediu. Foi assim que entre numerosas perguntas chegadas à mesa, uma houve que perguntou qual a posição do PRP-BR face à LCI. Na explicação apresentada o PRP-BR vincou as profundas diferenças que tem em relação àquela organização e aproveitou para se reportar à citada resposta de Adelino For-

tunato considerando-a um abuso. Eis senão quando um militante da LCI presente pede o microfone e esclarece... Esclarece que na cidade entrevista Adelino Fortunato não tinha querido dizer PRP, mas sim, PRT e que esse esclarecimento tinha sido enviado ao jornal República, desconhecendo porque é que não tinha sido publicado. Que de certo tal erro seria devido a "defeito auditivo do entrevistador", do qual a LCI não tinha responsabilidade.

Esta grosseira aldrabice caiu muito mal entre a assistência que apupou o militante da LCI, excepto o pequeno grupo que o acompanhava. A LCI perdeu uma boa oportunidade de estar calada e passar por mentirosa perante duas mil pessoas. Pois que perante a clara pergunta feita ao esclarecedor militante "será que o dito PRT (para quem não conheça é Partido Revolucionário dos Trabalhadores) organizou convosco o boicote ao Congresso do CDS no Porto?" Este recusou-se a responder dizendo que "não estava para animar aquele comício que tinha começado tão morto". Infantilidades próprias da idade e da condição social estudantil...

Voltamos a desmascarar o militante da LCI: será que o PRT também é BR? Será que se esqueceu que as organizações promotoras do boicote ao congresso do CDS — LUAR, LCI, MES e PRP-BR — promoveram na altura (excepto o MES) uma conferência de imprensa, com os respectivos nomes para esclarecer os factos.

E por último esquece-se o militante da LCI que o PRT não existia ainda? E, entre parentesis, aproveitamos para dizer que esta estranha sigla, de partido, apareceu muito tempo depois do 25 de Abril e que dá origem a confusão evidente nos faz pensar. Como nos

faz pensar que um grupo de militantes dessa organização tenha tentado um mini-boicote no comércio do Campo Pequeno abafado rapidamente. Estranhas coisas deste complicado período que vamos passando!

E a par do estranho há o ridículo. É o caso da explicação dada pelo militante da LCI.

Repetimos pois perante o público que nada temos de trotskistas. Como nada temos de maoístas ou de luxemburgistas. Não nos reivindicamos de personagens do movimento operário, por mais respeitadas que nos pareçam. Repetimos: não transportamos cadáveres às costas! Somos materialistas dialécticos e procuramos com isso conjugar a teoria e a prática e analisar a história do movimento operário. Mais pensamos: que esses homens teorizaram a prática da realidade que viviam nesse momento. O seu testemunho é de certo muito importante para nós, mas pensamos que é puro mecanicismo aplicar para a nossa realidade de hoje, para a situação concreta portuguesa, as reflexões que esses homens tiveram para a Rússia, a China, ou a Alemanha da sua época. Infelizmente é um triste espectáculo o fanatismo religioso com que se aplicam as reflexões desses teóricos como se fossem santos numa qualquer igreja. E a isso corresponde uma pobreza indigente em relação à análise da situação concreta portuguesa, em relação ao estudo da nossa realidade. Perante a prática revolucionária que vivemos aqui entendemos que há que criar a teoria correspondente. O que esses grupos não fazem.

Repetimos: andar com cadáveres às costas é necrofilia. E trata-se pela psicanálise.

LUTAS

ROLSOL

Os 700 trabalhadores aproximadamente da empresa Rolsol — Confeccões e Exportações Limitada, com três unidades fabris, uma na cidade do Porto e as outras duas nos arredores, em Ermesinde e Águas Santas desencadearam o seu primeiro processo de luta. Cerca de 95% dos trabalhadores são mulheres, a grande maioria das quais ainda menores de idade. A empresa, fundada há uns oito anos, produz confeccões. Quase toda a sua produção é exportada para o mercado inglês, até porque metade do capital pertence a sócios também ingleses. A gerência da empresa esteve entregue a um casal português detentor da outra metade do capital até que o sócio gerente desapareceu, no passado dia 4, havendo notícias de que a sua mulher fugiu para a Alemanha.

Perante a situação criada, os trabalhadores ocuparam as instalações e decidiram eleger, em plenário, uma Comissão de Gestão com doze elementos (incluindo cinco mulheres) para assegurar a laboração regular da fábrica e, portanto, os seus respectivos empregos. Informados desta luta fomos entrevistar quatro trabalhadores da Rolsol, três dos quais pertencem à Comissão de Gestão. Disseram:

— A nossa luta começou em Dezembro passado porque não recebemos o subsídio de Natal. Começou então o esclarecimento dos trabalhadores que conseguiram não só o subsídio como também o pagamento dos transportes para os que vivem longe. Pensamos que as leis são os trabalhadores que as devem fazer; se não tivéssemos ultrapassado a lei não estivamos em luta quase clandestinamente há mais de um mês. O patrão foi então

desmascarado. Queria ser um deus dentro da firma fazendo propaganda que nos «dava», mas mostrou-nos que era um diabo... No início já não podiam sair do escritório não aderiram. Estavam isolados, mas depois contactamos e eles aderiram à luta. Passou a haver unidade.

— Não temos Comissão Autónoma de trabalhadores. Há aqui uns 32 delegados de nove sindicatos. Foram eles que alertaram contra as manobras do sócio-gerente Vasconcelos, que é procurado pelo COPCON para captura. Ele antes já não podia sair legalmente do país. Pedimos uma peritagem ao Ministério do Trabalho porque temos suspeitas e provas de sabotagem económica, de desvio de capital para a Espanha. Ele deve ter posto lá fora bem o valor da fábrica...

— Ele vivia à larga desde há oito anos e de repente ao desaparecer, no banco só tinha 100\$00.

— Mas num outro banco tinha um saldo negativo de uns 40 contos...

— A peritagem poderá concluir, quando for feita que as irregularidades aqui existiram sempre.

Perguntámos quais as perspectivas que havia quanto ao futuro. Responderam:

— A situação em geral da fábrica não é difícil apesar de tudo. A laboração nunca parou, e os sócios ingleses têm colaborado connosco sem problemas. Só as vendas poderão ser problema para nós mas os fornecimentos não. Podem surgir boicotes nesse aspecto. Temos necessidade de compreensão e colaboração da parte de todos. Mas já registamos promessas de apoio e continuamos a acreditar nas possibilidades do mercado inglês.

MAO, STALIN, e a economia da U. R. S. S.

Continuação pág. 4

ferência do crescimento da indústria pesada. Segundo, levar o sistema da propriedade das pequenas colectividades ao nível do sistema da propriedade do povo inteiro. Aqueles de nós que não querem traçar linha de demarcação e que pretendem que já entrámos na era do sistema da propriedade de todo o povo estão errados.

COMUNAS POPULARES E CULTURA PROLETÁRIA

A terceira condição fixada por Stalin diz respeito à cultura; preconiza um desenvolvimento da educação física e da educação de todo o povo. Para atingir este objectivo Stalin propõe quatro

medidas: 1) a jornada de trabalho de seis horas; 2) a instituição dum educação politécnica; 3) o melhoramento das condições de habitação; 4) o aumento dos salários e a diminuição dos preços.

As três condições de Stalin são excelentes. Mas falta-lhe uma condição política-ideológica.

Estas condições, acima citadas, visam essencialmente aumentar a produção. Uma grande abundância de produtos facilita efectivamente a passagem do sistema da propriedade colectiva ao da propriedade de todo o povo. Mas para aumentar a produção, é preciso produzir mais, mais rapidamente, melhor e de uma maneira mais económica.

E se se quer conseguir este resultado, é preciso pôr a política no posto de comando. e esforçar-

se por atingir simultaneamente os quatro objectivos: quantidade, rapidez, qualidade e economia. E preciso igualmente lançar movimentos de rectificação para destruir a ideologia do poder legal da burguesia. Aumentar uma forma de estrutura como a da Comuna popular num país como a China, é tornar ainda mais fácil a realização dos quatro objectivos: quantidade, rapidez, qualidade e economia.

Qual o significado do sistema geral de propriedade de todo o povo?

Este sistema significa: 1) que os meios de produção da sociedade pertencem a todo o povo; 2) que os produtos da sociedade pertencem a todo o povo.

Qual a natureza da comuna popular? Ela é a unidade de base da estrutura social chinesa que

congrega operários, camponeses, soldados, intelectuais e comerciantes. Actualmente, ela constitui a organização administrativa de base. Quanto à milícia, destina-se a fazer face ao estrangeiro, nomeadamente ao imperialismo. A comuna popular é a melhor forma de organização para a realização das duas passagens: a passagem do socialismo de hoje ao sistema geral da propriedade de todo o povo ao comunismo e a passagem do sistema geral da propriedade de todo o povo ao comunismo. Depois destas passagens, a comuna popular constituirá a estrutura de base da sociedade comunista.

A propósito dos problemas económicos do socialismo na U.R.S.S. de Stalin (Novembro de 1958).

Mao Tsé-Tung (de «Mao Tsé-Tung e a construção do socialismo»)

1) Trata-se dum carta de Stalin datada de 28 de Setembro de 1952 e dirigida a dois economistas soviéticos, A.V. Sanina e V.G. Venger. Estes haviam apresentado a Stalin uma proposta preconizando a venda aos kolchozes dos principais instrumentos de produção, agrupados nas estações de máquinas e tractores. Na sua resposta, Stalin afirmava que tal medida provocaria enormes perdas aos kolchozes, arruiná-los-ia, comprometeria a mecanização da agricultura e diminuiria a cadência da produção kolchoziana.

2) Na terminologia maoísta os três maus estilos são os estilos burocrático, subjectivo e dogmático. Os cinco aspectos indesejáveis são os aspectos arrogante, orgulhoso, interesseiro, preguiçoso e apático.

3) L.D. Iarochenko, economista soviético, foi vivamente criticado por Stalin, em «Problemas económicos de socialismo na U.R.S.S.» por ter adoptado, no domínio económico, pontos de vista não marxistas.

4) Anshan é o maior centro siderúrgico chinês, situado na província de Liaoning, no Nordeste.

A LUTA DOS TRABALHADORES

Sociedade de Parafusos Florescentes

TRABALHADORES OCUPAM INSTALAÇÕES

A Sociedade de Parafusos Florescentes é uma fábrica do ramo de parafusos, porcas e anilhas.

Conhecida anteriormente ao 25 de Abril, pelos operários que nela trabalhavam, pelo nome de Tarrafal, tais eram as condições de trabalho. Desde Maio de 1974 que se vem desencadeando um processo reivindicativo que vem a culminar com a ocupação das instalações e na recusa de entrada à administração.

Sobre o que foi e o que é a luta dos trabalhadores da S.P.F., ouvimos a Comissão de Trabalhadores desta empresa.

REVOLUÇÃO: Qual a vossa situação antes do 25 de Abril?

TRABALHADOR — Antes do 25 de Abril, nós éramos talvez dos mais explorados - além de termos ordenados na ordem dos 1.200\$00 a 1.300\$00, a média nessa altura não ia além dos dois contos e tal.

REVOLUÇÃO: Após o 25 de Abril, quais as medidas que tomaram no sentido de pôr termo a esse salário de fome?

RESPOSTA — Portanto, depois do 25 de Abril já pudemos falar e então elegemos uma Comissão de Trabalhadores para mais facilmente resolvermos os nossos problemas.

A Comissão de Trabalhadores foi ao Sindicato dos Metalúrgicos onde elaborou um caderno reivindicativo que apresentou à administração da empresa. Esta disse-nos que não acedia a negociar "nem a tiro de metralhadora". Os trabalhadores entraram então em greve durante os dias 6 e 7 de Maio. Fomos ainda ao Ministério do Trabalho, e este enviou dois elementos representativos da Junta de Salvação Nacional para facilitar as negociações com a administração. Depois duma tarde inteira de reunião com a administração, esta nossa proposta de aumento salarial de 1.200\$00 igual para todos os trabalhadores, ofereceu 300\$00 e acabou por ceder em 800\$00. Ficou ainda assente que seriam feitas inspecções de segurança no trabalho, saúde; ficou também assente nessa reunião que a administração em Agosto de 74 faria uma revisão salarial.

Nos esperámos at e Agosto e então a administração adiou para Janeiro. Nessa altura fez uma revisão que só atingiu alguns trabalhadores.

REVOLUÇÃO: Quais os trabalhadores atingidos por essa revisão atingidos por essa revisão?

TRABALHADOR — Os que ganhavam mais, os chefes de

secção, o que era uma manobra para dividir os trabalhadores. A administração sobre a tal revisão de ordenados disse que isso tinha sido uma "conversa de sopeiras". Não ficou nada escrito, e isso foi um erro que cometemos.

REVOLUÇÃO: Quais são as vossas condições de trabalho até à ocupação da fábrica?

TRABALHADOR — Em Agosto apresentámos um outro caderno reivindicativo que chamava a atenção para as condições de trabalho - trabalhava-se nessa altura a temperaturas de 35,º e quase abaixo de 0,º no inverno - faltava constantemente água (obrigámos depois a empresa a instalar depósitos de água), não havia o mínimo de condições higiénicas.

Depois analisámos as possibilidades da empresa quer no mercado nacional quer no estrangeiro e pedimos à empresa que tomasse medidas nesse sentido. Pedimos também à empresa para dar cursos de formação, pois acontecia que empregados bastante antigos e competentes ficavam sempre na mesma posição enquanto vinham outros de fora ocupar os melhores lugares.

REVOLUÇÃO: Como eram resolvidos os vossos problemas de pessoal? Não pensaram em saneamentos?

TRABALHADOR — A secção de pessoal não conseguia resolver os nossos problemas, não estava preparada para os resolver. O serviço de pessoal era mandado para o exterior para um consultor jurídico que nunca fez nada por nós e mais tarde viemos a saber que era professor na Escola da Pide (consultor esse pago pela administração).

Quanto aos saneamentos, pedimos nesse caderno reivindicativo o saneamento duma Assistente Social, que colaborou no despedimento dum camarada e ainda um outro senhor laicaio do capital.

Havia ainda outro ponto no nosso caderno reivindicativo que era um subsídio de férias e 28 dias de férias.

Pedimos também que o pessoal do armazém fosse novamente reintegrado no sindicato dos metalúrgicos, pois a administração tinha feito com que eles saíssem de lá, aquando da saída dum contrato mais vantajoso.

Algumas das coisas foram cumpridas o resto foi-se acumulando.

REVOLUÇÃO: E quanto à actividade económica da empresa, qual tem sido a actuação da administração?

TRABALHADOR — Foi feita uma denúncia na Direcção Geral das Actividades Económicas, em Janeiro de 75, no sentido em que a administração retinha produtos no armazém, os quais estavam prontos para o mercado e dava origem a reclamações constantes dos clientes.

Na parte fabril quase 50% das máquinas encontravam-se paralizadas sem qualquer motivo que o justificasse. Outra manobra da administração, na tentativa da paralização do sector de alimentação de matérias primas da fábrica (decapagem e estiragem), que se viessem a verificar a fábrica paralizava por falta de matérias primas.

Assim pedimos um rigoroso inquérito às actividades económicas que até hoje ainda não foi feito. Entretanto a administração teve tempo de sobra para fazer desaparecer certos elementos de que dispunhamos para pedirmos o inquérito.

REVOLUÇÃO: Para além destas tentativas de paralização da fábrica a administração, recorreu ainda a outros meios como fossem aumentar o número de administradores ganhando ordenados exorbitantes, investimento num computador que os trabalhadores acham neste momento desnecessário. Posto isto os trabalhadores, dando-se conta de que tinham sido impedidos propositadamente de aumentar a produção, e vendo que o dinheiro da empresa estava a ser mal empregue, e face aos seus ordenados de miséria, elaboraram um novo caderno reivindicativo.

TRABALHADOR — Neste caderno exigimos 4500\$00 de ordenado para os trabalhadores com mais de 18 ANOS, e a partir deste ordenado base, aumentos decrescentes até o ordenado limite de 8.500\$00 de modo a reduzir o leque salarial; e 3.500\$00 para todos os trabalhadores com menos de 18 anos. De notar que nesta altura existiam 50 trabalhadores com mais de 18 anos e com menos de 4.500\$00.

Pedimos a reestruturação do serviço de pessoal e um Posto de Primeiros Socorros devidamente apetrechado, a criação dum infantriário, pois duzentos trabalhadores têm um número suficiente de crianças para o justificar. Pedimos ainda subsídio de doença e acidente.

Ainda dentro do caderno, pedimos que o nosso horário de trabalho fosse equiparado ao dos

metalúrgicos (temos 13 sindicatos diferentes dentro da empresa, e cada um com o seu horário de trabalho.).

REVOLUÇÃO: Portanto em Fevereiro entregaram este terceiro caderno reivindicativo...

TRABALHADOR — No dia 27 tivemos nova reunião com a administração que se recusou a apresentar outra proposta, alegando que a empresa não tinha possibilidades económicas e que o assunto estava a ser estudado no Ministério de Economia, e até ao momento não tinha recebido qualquer resposta sobre o inquérito feito por aquele Ministério às potencialidades da empresa.

Como isto não passava de desculpa para não cederem às nossas justas reivindicações, resolvermos ir ao Ministério do Trabalho e por intermédio dele, pôr o caso em estudo por um economista da nossa confiança e outro nomeado pela administração.

É claro que isto não agradou nada ao patrão que pediu oito dias para pensar nisto.

REVOLUÇÃO: Não abordaram o saneamento?

TRABALHADOR — Sim, acrescentamos um ponto em que propunhamos a criação de uma comissão para apurar as respon-

sabilidades das pessoas. Aí o patrão contrapõe uma proposta em que dela façam parte pessoas escolhidas por ele, por nós e que o Ministério fosse o árbitro no caso de não chegarmos a acordo.

A isto nós respondemos que esse desempate só poderia ser feito em Assembleia Geral de Trabalhadores.

REVOLUÇÃO: Sabendo que os trabalhadores tencionavam reunir-se em plenário, o patrão, que até ao momento se tinha recusado a ceder às reivindicações, resolveu subitamente aceder na parte relativa aos salários, impondo no entanto, a condição de os trabalhadores não exigirem mais nada durante o ano de 1975. pensava ele que os trabalhadores iriam entrar em greve, por isso esta atitude repentina.

TRABALHADOR — Nesse plenário decidimos ocupar a fábrica, desde o dia 28, montando piquetes que ainda hoje se mantêm. Não nos decidimos pela greve porque achamos que só deve ser utilizada como último recurso e pensamos que ainda não esgotamos as nossas munições.

Logo a seguir à ocupação fomos convocados pelo Ministério do Trabalho e sentamo-nos novamente à mesa e não adiantamos comissão para apurar as respon-

Continua pag. 10



estão na ordem do dia os MANIFESTO AO PROLETARIADO

Vivemos actualmente uma situação de impasse. Fala-se na participação dos trabalhadores na construção duma sociedade socialista, sem que essa sociedade exista.

Entretanto continua a impôr-se à classe um poder cupulista alheio aos seus anseios. A instabilidade política continua agudizar-se, enquanto os partidos de esquerda se combatem como ferozes inimigos, na perspectiva eleitoralista, uns participando para demascarar a farsa eleitoral, outros tentando demonstrar um poder que na realidade não existe, outros jogando a cartada de voltar aos velhos tempos. Enfim, é um impôr de partidos aos trabalhadores. É um impôr de organizações que se auto-intitulam defensoras e vanguardas dos trabalhadores, indiferentes a que haja participação ou não dos trabalhadores no desenvolvimento do actual processo.

A situação é de grave crise política, pois o poder está dividido entre representantes dos interesses capitalistas e outros que dizem ser representantes dos trabalhadores, mas que o não são. A situação está suspensa por um fio, e cairá no fascismo ou dará um salto em frente no sentido do socialismo. A crise do sistema capitalista produz os seus efeitos e não devem ser os trabalhadores a aguentarem os resultados da mesma. A opção é lógica: ou avançamos nós, ou avançam eles e nos es-

magam. As forças de direita organizam-se e conspiram com o objectivo de estabelecer "a ordem" e "pôr fim à anarquia". É exactamente perante o agudizar da crise, perante a organização das forças políticas alheias aos interesses dos trabalhadores, perante a impossibilidade de se estabelecer uma democracia burguesa, perante a necessidade de ter que se optar — sim ou não — Pela Revolução Socialista e ainda pela necessidade urgente da organização dos trabalhadores, que se criam os Conselhos Revolucionários.

Estes serão as forças impulsionadoras para a resolução do actual impasse político e serão o poder dos trabalhadores, representativo da vontade da classe porque eleitos por ela.

São portanto os Conselhos Revolucionários a ofensiva da classe para pôr fim à situação de bloqueio e de instabilidade política existentes

Dada a actual situação em que há forças desde a direita ao reformismo, que se opõem à revolução socialista, mas em que há também um grande impulso Revolucionário é urgente e imperioso criar órgãos capazes de promover essa revolução. Estes órgãos deverão ser capazes, até pela violência, de continuarem com o processo da revolução e atingirem o objectivo final: o poder nas mãos da classe.

As forças que se opõem à Revolução Socialista, são reforçadas por factores que vão desde o divisionismo partidário com oportunistas à

cabeça, até ao processo eleitoral pelo menos a médio prazo, situação burguesa. Assim, em plenário real corrente, que teve a presença de soldados, marinheiros pescadores Armadas, conclui-se que só a criação das empresas e dos quartéis, da Revolução Socialista, se manobras da burguesia que não meios e recursos que sempre teve e trabalhadores.

Fazendo um rápido resumo histórico foi o 25 de Abril pode chegar-se sem

Logo após o 25 de Abril os partidos bases decidiram tomar a seu belo prazer deixando a burguesia continuar a manobras reaccionárias tendentes de Setembro e o 11 de Março encorajados por partidos e sem organização

Assim, o futuro golpe, não desorganizada e dividida por partidos lutando por lugares no governo problema?

"SEJA QUAL FOR O PAÍS EM QUE REBENTAR A REVOLUÇÃO, O SEU PRIMEIRO GESTO SERÁ CRIAR CONSELHOS"

Rosa Luxemburgo

Temos afirmado diversas vezes até aqui.

que está na ordem do dia a criação de Conselhos Revolucionários. A análise que fazemos da situação real do país, leva-nos à conclusão, que face às propostas dos reformistas, que jogam tudo na estabilização da Democracia Burguesa, só existe uma solução: a Revolução Socialista. E esta não será feita pelas Forças Armadas, nem pelas organizações partidárias, nem por eleições parlamentaristas. Só "uma organização saída das próprias bases trabalhadoras e que dê a estas o poder de actuar ordenadamente sobre a realidade (Revolução n.º 35 — "Estão na ordem do dia os Conselhos Revolucionários") poderá oferecer a alternativa revolucionária, que levará o proletariado a emancipar-se, reconstruindo-se para a tomada do Poder.

Os Conselhos Revolucionários de soldados, marinheiros e trabalhadores armados, eleitos nos locais de trabalho, nos locais de residência, nos campos, nos barcos e quartéis, são a única forma concreta de organização do proletariado, ultrapassando as divergências partidárias e criando verdadeiras formas de Poder Proletário.

Os Partidos que se reclamam do Proletariado, por oferecerem formas paternalistas de condução da classe, tentando atrelá-la a soluções social democratizantes ou estalinistas, mais não fazem que criar o divisionismo no seio da classe, permitindo que a burguesia possa continuar a dominar como

A incapacidade de resposta do reformismo e a proliferação de auto-proclamadas "vanguardas" não permitem ao proletariado organizar-se autónoma e homoganeamente, numa perspectiva revolucionária anticapitalista.

Só a organização nas bases poderá ultrapassar o impasse a que a classe está a ser conduzida pelas querelas partidárias. Só a formação de Comissões de Trabalhadores, para a luta reivindicativa e de Conselhos Revolucionários, para a luta política será capaz de opor uma alternativa válida ao constante avanço das forças contra-revolucionárias.

Uma angustiante impotência se apoderou das diversas organizações partidárias, propondo-se todas a construir, a reconstruir, a edificar, a criar, a reconstruir o Partido. Só que tudo isso não passa de boas intenções, pois só a classe em si terá capacidade de se auto-organizar, e só dessa auto-organização poderá surgir o verdadeiro Partido.

Os trabalhadores (fardados ou não), elegendo os seus Conselhos Revolucionários, criam órgãos de poder político, que englobam os melhores militantes da classe, saídos das bases dos partidos da esquerda revolucionária, ou das bases dos partidos reformistas, mas que fizeram uma opção revolucionária.

Os Conselhos Revolucionários, formados a partir das bases, serão capazes de fazer a análise política

os conselhos revolucionários e a construção do partido do proletariado

de cada momento, serão capazes de elaborar uma estratégia e uma táctica para cada circunstância, serão capazes de imprimir uma perspectiva política global a longo prazo. Estão, pois, criadas as condições para a formação do Partido Revolucionário, surgido nas duras condições de luta, na prática constante da luta anticapitalista e anti-reformista consequente.

Os componentes desse Partido de massas, verdadeiramente revolucionário serão:

1. A vanguarda surgida do seio das massas, composta pelos melhores militantes da classe, eleitos e revogáveis por todos os trabalhadores.

2. Essa vanguarda sairá dos actuais partidos, que foram formados da cúpula para a base, sem interferência das massas e de militantes sem partido que fizeram uma opção revolucionária.

Isto pressupõe o desaparecimento de todos os actuais Partidos que não passam de "um momento" do processo que conduzirá o proletariado ao poder.

Então, poderemos falar no verdadeiro Partido Revolucionário do Proletariado, saído das massas, construído pelas massas, organizadas autonomamente em Conselhos Revolucionários. Como construir os Conselhos Revolucionários? É necessário ter em conta um certo número de condições, de que adiantaremos algumas:

1 — Aceitar a organização autónoma do proletariado
2 — Aceitar o princípio de eleição

e revogabilidade parcial ou total dos Conselhos.

3 — Aceitar o apartidarismo
4 — Recusar a tentativa de controle dos Partidos

5 — Estreitar as relações com os soldados, de forma a que os Conselhos de trabalhadores e os Conselhos de soldados se venham a fundir, constituindo os futuros Soviets de soldados e operários e camponeses armados.

6 — Recusar a colaboração de classes. Os Conselhos têm de ser anti-reformistas. As eleições serão feitas pelos operários, pelos assalariados rurais, pelos militares não graduados, que saberão chamar à sua organização os outros estratos sociais, que tenham tomado a opção de se submeterem às directrizes revolucionárias do proletariado organizado.

São os Conselhos Revolucionários, como organização autónoma do Proletariado, que estarão contra a burguesia, até à vitória final. São os Conselhos Revolucionários que exercerão a Ditadura do Proletariado, que nada tem a ver com a ditadura de partido ou qualquer outra forma de governo burocrático e elitista.

Face ao caciquismo dos partidos burgueses, face à ditadura burocrática de qualquer organização de cúpula, face às opções reformistas e democráticas burguesas, só há uma resposta às investidas da reacção:

A CRIAÇÃO DE CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

criação dos conselhos

Estes órgãos sinónimos da exproletariado e o alerta para a sua decisão de avizinha o golpe decisivo, último

Os Conselhos Revolucionários de soldados, incluindo as ARMAS afirmam de aos ataques da burguesia e do proletariado.

A situação económica é de gravidade principalmente no desemprego e na inflação crise do capitalismo à escala mundial características próprias do capitalismo desenvolvendo-se processou a cobertura economia quase totalmente dependente empresas multiplicam-se, os investimentos não se fazem, a inflação pagamentos aumenta e provoca a situação nos campos é muito grave, incapaz de satisfazer as nossas necessidades

A resolução desta crise em sistema tradições que encerra, só é possível Na situação política actual, essa via política fascistas. Nunca seria burguesa.

Na ausência de uma solução inevitavelmente, aumentando a deterioram gravemente as condições de consequências políticas.

As contradições ao nível de economia socialismo, com a classe trabalhadora produção capitalista, com a burguesia os seus privilégios e exigindo a trabalhadora.



Conselhos revolucionários

ADO

erá trazer, senão a curto prazo e podem consolidar o poder da em Lisboa nos dias 11 e 12 do erários, trabalhadores rurais, ais revolucionários das Forças onselhos revolucionários den- esses que serão os timoneiros ão voltar atrás todas as posta a abdicar de todos os dispor para melhor explorar os

organização da classe e do que idade a conclusões: m verdadeiro menosprezo pelas o controle da situação política, rar, exportar divisas, e outrasocar o caos económico. O 28 mais uma vez os trabalhadores o autónoma ao nível da classe. a encontrar mais a classe que fazem guerra palaciana no se pode solucionar estes

diata de olucionários

do poder da classe, serão a actual situação política em que o da burguesia.

ter meios defensivos e ofen- e possa responder eficazmente r efectivamente o poder do

crise que se manifesta prin- Esta crise além de se inserir na m raízes muito profundas nas em Portugal, cujo desen- um regime fascista, com uma o estrangeiro. As falências das os que poderiam criar novos pára, o défice da balança de angria das nossas reservas, a dução agrícola é totalmente es alimentares, etc....

capitalista, pelas grandes con- um regime político repressivo. ir-se-ia num regresso a formas estabilização em democracia

ical, a situação deteora-se ncia em relação ao exterior e a classe tralhadora com graves

o podem ser resolvidas com o poder, nunca na anarquia da a dominar mantendo todos ez mais sacrifícios à classe



A situação em Portugal pelo conjunto de factores que possibilitam o avanço no sentido da Revolução Socialista, torna-se também um dos problemas mais importantes para o imperialismo, a nível mundial.

Não é a exploração económica de Portugal que lhe interessa mais mas a sua situação estratégica, pois sabe que uma mudança aqui acarreta uma mudança em Espanha e uma alteração profunda na Europa, onde a França e a Itália, têm movimentos operários revolucionários. Por isso consideramos que há um perigo real não só de apoio do imperialismo à reacção interna, mas mesmo duma intervenção imperialista através do seu braço armado, a NATO. E perante essa intervenção a única possibilidade de resistência é um povo inteiro estar armado e mobilizado para defender o que é seu.

A actual situação militar caracteriza-se fundamentalmente pela existência de graves lutas internas, determinadas por interesses de classe antagónicos.

Dentro das Forças Armadas há homens reacçãoários e há homens progressistas, o mesmo acontecendo no seio do MFA. Os golpes desencadeados pela reacção após o 25 de Abril tiveram o apoio e a participação de alguns dos militares mais reacçãoários das F.A. na defesa lógica da classe a que pertencem - a burguesia. Enquanto existirem as actuais estruturas das F.A. elas serão sempre um apoio da reacção e do imperialismo que se aproveita delas para disferir golpes contra-revolucionários.

O desenvolvimento do processo revolucionário terá que passar inevitavelmente por uma mudança radical das actuais estruturas militares, de forma a transformá-las numa força popular ao serviço da Revolução Socialista.

para a guerra da classe um exército da classe

III

Face ao actual momento político, económico e militar, face à cegueira eleitoralista dos partidos que se dizem da classe operária, com fraseologia mais ou menos de esquerda procuram acima de tudo arranjar novas formas de dominação e de exploração das massas trabalhadoras, conduzindo desta forma o proletariado para um beco sem saída e permitindo que as forças da reacção se organizem para o golpe que conduzirá inevitavelmente ao retorno do fascismo, face a todas as manobras coloca-se perante o proletariado e todas as forças revolucionárias uma questão fundamental: A TOMADA DO PODER.

A tomada do poder pelo proletariado entende-se como a tomada do poder pela classe e não por este ou aquele partido que pretenda substituir-se à classe operária: VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA DA LUTA DE CLASSES.

É neste contexto que os Conselhos Revolucionários aparecem como única forma de organização da classe capaz de se opor à reacção, ao fascismo e às cúpulas partidárias que mais não fazem do que conduzir a classe a mais uma derrota.

Na formação dos Conselhos Revolucionários terão necessariamente que existir três componentes imprescindíveis: Massas Trabalhadoras, Forças Revolucionárias e Militares Revolucionários.

Para nós, revolucionários, a questão do poder é fundamental. Ou o poder está nas mãos dos capitalistas e há capitalismo; ou o poder está nas mãos dos trabalhadores e há socialismo. Para nós, portanto, não existem meios termos entre estas duas situações.

Entendemos, porém, que não pode haver socialismo no nosso país, sem que haja confronto violento entre as duas classes opostas: o proletariado e a burguesia. É pois, imperioso que neste momento o proletariado comece desde já a organizar-se e a reunir forças para o confronto final, que será decisivo para o avanço do processo revolucionário que libertará definitivamente a classe operária de todas as formas de exploração e opressão, isto é, a construção da sociedade sem classes, a sociedade comunista.

Os Conselhos Revolucionários são a expressão máxima da organização autónoma mas que implica necessariamente a criação de um Partido Revolucionário que seja capaz de combinar a teoria e a prática, que seja capaz de perspectivar as lutas da classe dentro de uma análise política global da situação de forma a conduzir o proletariado à sua emancipação.

Com o desenvolvimento do processo revolucionário, com o desenvolvimento da organização autónoma da classe nascerá inevitavelmente o Partido Revolucionário que será composto pelos militantes que a classe elege e reconhecer como seus legítimos representantes.

São pois os Conselhos Revolucionários o embrião do novo poder proletário e o impulso necessário à criação do Partido Revolucionário, factores necessários no desencadeamento da Revolução Socialista.

CAMARADA:

Para que o poder da classe triunfe, para a criação dos Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros, para a formação de um forte Partido Revolucionário ao serviço da classe operária e camponesa apoia, divulga e comparece no Congresso Nacional de Trabalhadores a realizar nos próximos dias 19 e 20 do corrente.

NAS FÁBRICAS
NOS CAMPOS
N OS QUARTÉIS

VOTAR CONSELHOS REVOLUCIONARIOS

PELA DITADURA DO PROLETARIADO
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Lisboa, 15 de Abril de 1975
O Secretariado Provisório Pró-Conselhos Revolucionários

...lia os conselhos revolucionários

ETARIADO

cabeca, até ao processo eleitoral que poderá trazer, senão a curto prazo pelo menos a médio prazo, situações que podem consolidar o poder da burguesia. Assim, em plenário realizado em Lisboa nos dias 11 e 12 do corrente, que teve a presença de operários, trabalhadores rurais, soldados, marinheiros pescadores e oficiais revolucionários das Forças Armadas, conclui-se que só a criação de conselhos revolucionários dentro das empresas e dos quartéis, órgãos esses que serão os timoneiros da Revolução Socialista, se poderão voltar atrás todas as manobras da burguesia que não está disposta a abdicar de todos os meios e recursos que sempre teve ao seu dispor para melhor explorar os trabalhadores.

Fazendo um rápido resumo historial da organização da classe e do que foi o 25 de Abril pode chegar-se sem dificuldade a conclusões:

Logo após o 25 de Abril os partidos, com verdadeiro menosprezo pelas bases decidiram tomar a seu belo prazer o controle da situação política, deixando a burguesia continuar a explorar, exportar divisas, e outras manobras reaccionárias tendentes a provocar o caos económico. O 28 de Setembro e o 11 de Março encontram mais uma vez os trabalhadores manietados por partidos e sem organização autónoma ao nível da classe.

Assim, o futuro golpe, não pode encontrar mais a classe desorganizada e dividida por partidos que fazem guerra palaciana lutando por lugares no governo. Como se pode solucionar este problema?

criação imediata de conselhos revolucionários

Estes órgãos sinónimos da expressão do poder da classe, serão a vanguarda e o alerta para a sua defesa na actual situação política em que se avizinha o golpe decisivo, último recurso da burguesia.

Os Conselhos Revolucionários deverão ter meios defensivos e ofensivos, incluindo as ARMAS afim de que se possa responder eficazmente aos ataques da burguesia e consolidar efectivamente o poder do proletariado.

II

A situação económica é de grave crise que se manifesta principalmente no desemprego e na inflação. Esta crise além de se inserir na crise do capitalismo à escala mundial, tem raízes muito profundas nas características próprias do capitalismo em Portugal, cujo desenvolvimento se processou a coberto de um regime fascista, com uma economia quase totalmente dependente do estrangeiro. As falências das empresas multiplicam-se, os investimentos que poderiam criar novos empregos não se fazem, a inflação não pára, o deficit da balança de pagamentos aumenta e provoca uma sangria das nossas reservas, a situação nos campos é muito grave e a produção agrícola é totalmente incapaz de satisfazer as nossas necessidades alimentares, etc....

A resolução desta crise em sistema capitalista, pelas grandes contradições que encerra, só é possível sob um regime político repressivo. Na situação política actual, essa via traduzir-se-ia num regresso a formas políticas fascistas. Nunca seria uma estabilização em democracia burguesa.

Na ausência de uma solução radical, a situação deteora-se inevitavelmente, aumentando a dependência em relação ao exterior e pioram gravemente as condições de vida da classe trabalhadora com graves consequências políticas.

As contradições ao nível de economia só podem ser resolvidas com o socialismo, com a classe trabalhadora no poder, nunca na anarquia da produção capitalista, com a burguesia a dominar mantendo todos os seus privilégios e exigindo cada vez mais sacrifícios à classe trabalhadora.



A situação em Portugal pelo conjunto de factores que possibilitam o avanço no sentido da Revolução Socialista, torna-se também um dos problemas mais importantes para o imperialismo, a nível mundial.

Não é a exploração económica de Portugal que lhe interessa mais mas a sua situação estratégica, pois sabe que uma mudança aqui acarreta uma mudança em Espanha e uma alteração profunda na Europa, onde a França e a Itália, têm movimentos operários revolucionários. Por isso consideramos que há um perigo real não só de apoio do imperialismo à reacção interna, mas mesmo duma intervenção imperialista através do seu braço armado, a NATO. E perante essa intervenção a única possibilidade de resistência é um povo inteiro estar armado e mobilizado para defender o que é seu.

A actual situação militar caracteriza-se fundamentalmente pela existência de graves lutas internas, determinadas por interesses de classe antagónicos.

Dentro das Forças Armadas há homens reaccionários e há homens progressistas, o mesmo acontecendo no seio do MFA. Os golpes desencadeados pela reacção após o 25 de Abril tiveram o apoio e a participação de alguns dos militares mais reaccionários das F.A. na defesa lógica da classe a que pertencem - a burguesia. Enquanto existirem as actuais estruturas das F.A. elas serão sempre um apoio da reacção e do imperialismo que se aproveita delas para disferir golpes contra-revolucionários.

O desenvolvimento do processo revolucionário terá que passar inevitavelmente por uma mudança radical das actuais estruturas militares, de forma a transformá-las numa força popular ao serviço da Revolução Socialista.

para a guerra da classe um exército da classe

III

Face ao actual momento político, económico e militar, face à cegueira eleitoralista dos partidos que se dizem da classe operária, com fraseologia mais ou menos de esquerda procuram acima de tudo arranjar novas formas de dominação e de exploração das massas trabalhadoras, conduzindo desta forma o proletariado para um beco sem saída e permitindo que as forças da reacção se organizem para o golpe que conduzirá inevitavelmente ao retorno do fascismo, face a todas as manobras coloca-se perante o proletariado e todas as forças revolucionárias uma questão fundamental: A TOMADA DO PODER.

A tomada do poder pelo proletariado entende-se como a tomada do poder pela classe e não por este ou aquele partido que pretenda substitui-se à classe operária: VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA DA LUTA DE CLASSES.

É neste contexto que os Conselhos Revolucionários aparecem como única forma de organização da classe capaz de se opor à reacção, ao fascismo e às cúpulas partidárias que mais não fazem do que conduzir a classe a mais uma derrota.

Na formação dos Conselhos Revolucionários que existir três componentes importantes: Forças Revolucionárias e Militares Revolucionárias.

Para nós, revolucionários, a questão poder está nas mãos dos capitalistas nas mãos dos trabalhadores e há a existência de meios termos entre estas duas classes.

Entendemos, porém, que não podemos sem que haja confronto violento do proletariado e a burguesia. É pois, o proletariado que começa desde já a organização final, que será decisiva para a libertação definitiva das formas de exploração e opressão, isto é, a sociedade comunista.

Os Conselhos Revolucionários serão a organização autónoma mas que implica necessariamente a formação de um Conselho Revolucionário que seja capaz de coordenar as lutas da classe global da situação de forma a conseguir a libertação.

Com o desenvolvimento do processo revolucionário a organização autónoma do Partido Revolucionário que será capaz de eleger e reconhecer como seus legítimos representantes.

São pois os Conselhos Revolucionários o impulso necessário à libertação e os factores necessários no desencadear da revolução.

CAMARADA:

Para que o poder da classe triunfe a formação dos Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, a formação de um forte Partido Revolucionário e camponesa apoio, divida a luta Nacional de Trabalhadores a realizar a revolução.

NAS FÁBRICAS
NOS CAMPOS
NOS QUARTÉIS

VOTAR CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS

PELA DITADURA DO PROLETARIADO
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Lisboa, 15 de Abril de 1975
O Secretariado Provisório Pró-Conselhos

ALERTA À POPULAÇÃO SIM À VIGILÂNCIA REVOLUCIONÁRIA NÃO À REPRESSÃO PROVOCATÓRIA

- 1 — A justa luta dos professores do liceu de Almada tem sido caluniada e torpedada pelas forças políticas dominantes.
- 2 — Esse torpedeamento reflecte-se, inclusivamente, no boicote dos meios de informação à divulgação das posições tomadas pelo professorado do liceu, num processo que se arrasta desde o Verão de 1974.
- 3 — Tentando romper o bloqueio de que foram vítimas, os professores resolveram afixar numa praça central de Almada (Praça do MFA) um cartaz descritivo do processo, acomoanhado de documentos comprovativos das diligências feitas junto ao MEC, inclusivamente tendentes à denúncia do estado deplorável das instalações do liceu.
- 4 — Face às provocações de que têm sido alvo, os professores consideraram necessária a formação de piquetes de vigilância ao referido cartaz, única forma que lhes pareceu viável à sua não destruição.
- 5 — Às 15 horas de sábado, dia 5 de Abril (dia escolhido pelos professores para divulgação das suas posições), três indivíduos (um dos quais armado e outro mais tarde auto identificado como militante do P. C. P.), prenderam um dos professores que, face às provocações de que vinham a ser alvo desde manhã, se tinham agrupado na defesa do cartaz, transportando esse professor ao forte de Almada com voz de prisão.
- 6 — Os núcleos locais de Almada da L. C. I., L. U. A. R., M. E. S., e P. R. P. B. R. alertam contra o crime de "lesa liberdade de expressão" perpetrado na tarde de sábado passado.
- 7 — Chama-se igualmente a atenção que actuações deste tipo, feitas em nome "da defesa das liberdades democráticas", são filhas da confusão criada pela lógica reformista que se tem mostrado incapaz de diferenciar, de entre as vozes que se lhes opõem, aquelas que defendem os interesses do capitalismo e da reacção, daquelas que lutam efectivamente contra o capitalismo.
- 8 — Levados por esta lógica, militantes de base de partidos como o P. C. P. e MDP/CDE, com cobertura por vezes legal, como a dos CABOS DE ORDEM (elementos nomeados pelas regedorias, estrategicamente ocupadas no concelho por militantes desses partidos), levam a cabo uma verdadeira "caça às bruxas", em que se calunia todo o militante da esquerda revolucionária, chegando mesmo a processos de violência e agressão física.
- 9 — As organizações que subscreveram este comunicado sempre têm defendido a vigilância popular. Pois essa vigilância não pode nunca ser confundida com repressão de um grupo submetido a interesses partidários que confunde o ataque ao capital e seus defensores com o ataque contra quem naturalmente defende os reais interesses da população.

Os núcleos locais de:

- L. C. I. — Liga Comunista Internacionalista
- L. U. A. R. — Liga de União a Acção Revolucionária
- M. E. S. — Movimento de Esquerda Socialista
- P. R. P. B. R. — Partido Revolucionário do Proletariado — Brigadas Revolucionárias

O PRP-BR EM FERRAGUDO

Para iniciar a sua actividade militante, o núcleo de Ferragudo do PRP-BR, promoveu no passado dia 21 de Março, uma sessão de esclarecimento e propagação política, na Sociedade Recreativa Ferragudense desta localidade.

Sob palavras de ordem como: "Não às eleições, Sim à Revolução Socialista", "Pela organização autónoma dos trabalhadores", "Pela Ditadura do Proletariado", "Pelo Comunismo", entre outras, iniciou-se a sessão. Falou em primeiro lugar o camarada João do núcleo de Ferragudo que procedeu à apresentação dos camaradas presentes na mesa. A análise Política da situação actual, foi o tema sobre o qual se debruçou o camarada Mendes do núcleo de Portimão.

Usou da palavra a seguir o camarada Abílio da D. R. do Algarve, que relatou pormenorizadamente o historial do nosso partido. As palavras de ordem do partido e o seu significado, foi o assunto abordado pelo camarada Ernesto, do núcleo de Loulé. Sobre a proposta de organização sindical do nosso partido falou o camarada V. Reis do núcleo da Mexilhoeira Grande.

Fazia ainda parte da mesa o camarada Helder do núcleo de Ferragudo, que devido às diversas interrupções havidas durante a sessão e ao adiantado da hora, não pode abordar um tema subordinado à indústria conserveira e a crise actual, pelas mesmas razões que o camarada João não chegou a referir-se ao problema da habitação.

As interrupções havidas devem-se à intervenção de dois dos assistentes, pessoas afectas ao P' C' P, que acusaram o nosso partido de divisionistas, "pois em vez de procurar a união do povo iam para ali atacar o partido "comunista" e consequentemente, fazer o jogo da reacção". O costume. O que esses "camaradas" não gostaram foi que se desmascarasse o jogo

eleitoralista do P' C' P e a sua actuação (bem como a da Intersindical) durante as greves da Lisnave, Tap, Padeiros, que eles (P' C' P) acusaram de greves feitas pelos patrões. Assim como não gostaram que se falasse na manifestação convocada pelas comissões de trabalhadores de diversas empresas que se realizou no dia 7 de Fevereiro em frente do Ministério do Trabalho, a qual foi acusada pelo P' C' P de igual à da "maioria silenciosa".

Graças às enérgicas intervenções dos camaradas presentes na mesa, ficou bem patente aos olhos dos trabalhadores presentes, qual a linha de conduta do P' C' P.

Outra intervenção que houve, foi a de uma operária conserveira, que muito objectivamente propôs a ocupação imediata de casas há muito desocupadas para dar

guarida aos trabalhadores mal alojados. Esta proposta foi imediatamente aceite e apoiada pelo nosso partido e por todos os presentes que sob a palavra de ordem "Revolução Socialista", se deslocaram do local da reunião, para uma casa de dois pisos desabitada desde há dez anos, que foi ocupada de seguida. A casa pertencia a irmãos do comandante João Gregório, vice-presidente da Comissão Concelhia de Lagoa da ex-ANP.

Hoje nessa casa vivem duas numerosas famílias de operários conserveiras servindo o r-chão de sede do núcleo de Ferragudo do PRP-BR. No dia seguinte à ocupação este núcleo fez sair um comunicado à população.

Assim começou revolucionariamente o núcleo de Ferragudo do nosso partido.

COMUNICADO

A célula do PRP-BR nas fábricas da CUF, decidiu lançar o seu primeiro comunicado aos restantes trabalhadores da empresa.

Só por dificuldades inerentes ao próprio processo, isso só agora acontece, mas não deixamos de informar que nós militantes do PRP-BR temos estado nas últimas lutas desenvolvidas dentro dos muros destas fábricas, sendo um dos factos mais salientes a colaboração dos nossos camaradas, aquando da paralização e ida ao Ministério do Trabalho pelos operários da Monpor.

Queríamos afirmar também, desde já, que não somos como alguns partidos (que inclusivé estão no Governo) que se formaram depois do 25 de Abril.

A nossa acção clandestina antes dessa data dividia-se em duas partes: participação nas lutas de massas através dos nossos camaradas operários e a forma porque nos conheciam melhor, que eram as acções armadas.

As Brigadas Revolucionárias fizeram a sua primeira acção no dia 7 de Novembro de 1971, com a destruição da base secreta da NATO na Fonte da Teiça.

Lembramos os trabalhadores da CUF para a destruição simbólica dos canhões de Santo António, armas essas que tinham ali sido postas aquando das grandes greves da CUF e que serviam como amedrontamento para os operários e população do Barreiro. A nossa última acção foi realizada no dia 9 de Abril de 1974, sabotando a partida do Navio Niassa, que se dirigia com um contingente de tropas para a Guiné.

As acções das BR não estavam nem estão fora do processo da luta antifascista, anticolonialista, anticapitalista e anti-imperialista do povo português, antes pelo contrário, elas incidiram essencialmente sobre o aparelho militar colonialista do Estado fascista.

O PRP-BR desde sempre apoiou e incitou os trabalhadores a formarem as suas organizações autónomas, não controladas por partidos, sejam eles quem forem.

O fascismo foi vencido, mas o capitalismo continua. Esse fascismo não é nenhum fantasma, é simplesmente a forma mais repressiva que a burguesia usa para melhor reprimir e explorar os trabalhadores.

Os fascistas organizam-se e vão de certeza tentar o seu golpe, depois de duas tentativas falhadas, por isso nós chamamos a atenção de todos os operários da CUF para a necessidade de se organizarem dentro da empresa, porque o golpe fascista, se vier, será ainda mais sangrento do que no Chile.

O PRP-BR afirma que só a organização dos trabalhadores em conjugação com os militares revolucionários, poderá pôr termo definitivo ao fascismo e ao capitalismo e apontar para a instauração da Ditadura do Proletariado no caminho para o socialismo e para o comunismo.

Barreiro, 14 de Abril de 1975.

CÉLULA DO PRP-BR DAS
FÁBRICAS DA CUF
DO BARREIRO

TRABALHADORES OCUPAM INSTALAÇÕES

Continuação pág. 7

REVOLUÇÃO — A Administração não está disposta a ceder?

TRABALHADOR — Pela análise da reacção da administração à nossa proposta, nós chegamos à conclusão que a administração pensava que os trabalhadores viessem a sofrer uma derrota no fim do mês: não podíamos movimentar as contas da empresa, não recebíamos dinheiro dos clientes, tínhamos que pagar aos fornecedores, teríamos problemas com o pagamento dos ordenados. O que é certo é que chegamos ao fim do mês de Março e conseguimos pagar integralmente o vencimento aos trabalhadores. Mandamos uma circular aos nossos clientes e contactamos com comissões de empresas e mesmo de

balhadores no sentido de nos pagarem em dinheiro ou com um cheque ao portador.

REVOLUÇÃO: E através das comissões de empresa? Têm-lhes dado apoio?

TRABALHADOR — Embora sendo difícil, visto a empresa ter clientes de norte a sul do país e ser difícil mandarem-nos cheques ao portador dentro de cartas, tem havido da parte de comissões de trabalhadores e delegados sindicais um movimento no sentido de forcarem as administrações a pagarem-nos em dinheiro tudo o que nos devem. Com a continuidade da nossa luta vamos tendo cada vez mais adesões, o que não quer dizer que essa pressão resulte sempre.

Portanto nós esperamos que se realize o inquérito às potencialidades económicas da empresa e à administração é caso se comissões de empresas e mesmo de

exigiremos uma comissão administrativa, em que o governo esteja representado de modo a poder garantir o funcionamento da fábrica e que seja da confiança de todos os trabalhadores. Ai sim, esperamos ver satisfeitas as nossas reivindicações.

REVOLUÇÃO: Acrescentaram ainda os trabalhadores da Sociedade de Parafusos Florescente, que têm tido pouco apoio da imprensa verificando-se apenas casos isolados (Diário de Lisboa, Século, RCP). A TV emitiu apenas uma reportagem e desinteressou-se do desenrolar da luta.

Frizaram também a necessidade dos órgãos de informação estarem ao serviço dos trabalhadores, tornando-se porta-vozes das suas lutas, permitindo uma maior divulgação, uma troca de experiências que poderão conduzir a novos processos de luta.



ÁFRICA

ANGOLA

a actual SITUAÇÃO EM ANGOLA

tem sido palco, nas últimas semanas, dum ataque serrado por parte das forças reaccionárias internas e externas, através dos ataques que a FNLA e a UNITA fazem ao MPLA.

Porque a actual situação política em Portugal está intimamente ligada e sofre as consequências do que se passa em Angola, achámos importante conversar com alguns patriotas da Casa de Angola sobre o que se passa no seu país, bem como sobre perspectivas futuras de solução para o conflito existente.

REVOLUÇÃO: Qual a actual situação política em Angola, e qual a posição que têm assumido as Forças Armadas Portuguesas em Angola?

A — SPOST A situação actual em Angola caracteriza-se, no essencial, pela agudização entre as posições assumidas pelos sectores progressistas de Angola representados pelo MPLA, e a dos sectores reaccionários, encabeçados pelo FNLA.

Isto traduz-se no confronto que se vem verificando entre as forças verdadeiramente representativas do nacionalismo angolano, na sua actual fase de desenvolvimento, e as forças representantes do imperialismo em Angola — não é por acaso que os incidentes se têm desenrolado em Angola.

Em Angola iremos assistir, muito provavelmente, a uma generalização do conflito armado; esta generalização poderá acontecer primeiro nas zonas urbanas e depois nas zonas rurais, ou em ambos os sítios ao mesmo tempo. Este conflito irá ser, certamente, aproveitado pelas potências de agressão imperialista, que farão dele uma justificação para poderem, mais facilmente do que até agora, invadir o nosso país.

A acontecer isto, só poderá resultar uma guerra, que assumirá características próprias que o tempo irá ditar. Mas é preciso não perder de vista que não é por acaso que o inimigo número um da reacção interna e externa (Zaire e Estados Unidos) é o MPLA. Com efeito o MPLA é a única força política capaz de criar um obstáculo aos desígnios dessas forças de agressão.

Além disto o LA está a aumentar cada vez mais o seu poder de mobilização popular, o que assusta as forças reaccionárias que tentam, por todos os meios, impedir a referida mobilização.

Deste modo, teme-se o MPLA porque é a organização política e militar que tem todas as caracteris-

ticas da luta anti-colonial, anti-neo-colonial, anti-imperialista, o que lhe dá exactamente a força para avançar no terreno da mobilização popular.

AS FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS EM ANGOLA

No que diz respeito à actuação das forças armadas portuguesas em Angola, temos de ter em atenção qual foi o papel dessas mesmas F.A. em Angola, tendo em vista que elas não foram qualitativamente alteradas e mantêm a mentalidade de tropa de agressão colonial. Estas tropas não podem pois, de modo nenhum, assumir um papel progressista, e têm uma feição imperialista.

É isto que explica que essas F.A. venham assumir posições reaccionárias; ultimamente apregoavam um determinado neutralismo que, segundo elas, F.A., viria dos Acordos do Alvor; mas o neutralismo ou é positivo ou então é pactual e, nas condições específicas de Angola em que duas posições se confrontam, esse neutralismo é comprometedor, pois na prática favorece as forças reaccionárias e impede mesmo o avanço logístico do MPLA.

REVOLUÇÃO: Sob que formas concretas tem o "neutralismo" das F. A. portuguesas ido contra o MPLA?

RESPOSTA — Só para indicar um ou dois exemplos, digo que quando se impede o descarregamento dum determinado tipo de material para o MPLA e quando no dia anterior se tinha autorizado o descarregamento desse mesmo tipo de material para a FNLA, estamos perante um caso de neutralismo pactual.

Isto sem falar no caso das fronteiras, no da ocupação dos quartéis, em que tudo se favorece para a FNLA e para a UNITA.

Porém, ultimamente, dada a pressão que de muitos pontos se vinha exercendo sobre a actuação do Alto Comissário, começou-se a esboçar a tendência de parte deste para enviar comunicados, dizendo que os Acordos do Alvor iam ser cumpridos. Mas, não é por acaso que as patrulhas que depois começaram a circular por Luanda, integraram elementos da UNITA.

E aqui é preciso fazer um parentesco para classificar a UNITA, que é, tal como a FNLA, uma força reaccionária, só que não está tão lançada como joguete, se bem que no Sul de Angola faça o mesmo papel que a FNLA: tortura, mata e espanca. Mas a nível de estratégia imperialista, o papel da UNITA, vem sendo outro, vem-se

aproveitando das contradições entre a FNLA e o MPLA, reclamando para si o papel de mediador, o papel de salvador de difíceis conflitos.

A UNITA é pois uma força reaccionária, dum reaccionarismo descarado e oportunista.

Claro que há outros sectores reaccionários em Angola, para além da FNLA e da UNITA, mas hoje em dia eles actuam através dum destas duas grandes



Hoji Ya Henda

DIA DA JUVENTUDE ANGOLANA

"O 14 de Abril foi instituído pelo nosso movimento como o dia da juventude angolana, como homenagem ao camarada comandante Hoji Ya Henda que tombou em 1968 em Karipande, no Campo de batalha, filho bem-amado do povo angolano e heróico combatente do MPLA.

O camarada Henda foi para nós o exemplo do combatente, do militante, do político, do revolucionário que teve sempre como objectivo a defesa dos interesses legítimos do povo angolano. Morreu muito cedo, aos 26 anos, e desde os seus 16 anos que estava nas fileiras do movimento; pelo que ele significa para a juventude angolana, o dia dessa mesma juventude é o 14 de Abril.

Nós, ao comemorarmos o 14 de Abril, fazemos sempre um balanço de quais devem ser as linhas que devem orientar a juventude nas diferentes fases do processo. Neste momento passa-se em Angola uma poderosa mobilização da juventude

para os objectivos da revolução, cerrando fileiras em torno do MPLA e desempenhando um importante papel desde a politização das massas à alfabetização, à higienização, a juventude tem ocorrido e dado o seu esforço consciente do seu papel no processo revolucionário.

Quanto aos sectores progressistas de Angola, como foi o caso dos Movimentos Democráticos, eles uniram-se em torno do MPLA.

De resto, o MPLA é neste momento perfeitamente coeso, é uma força unitária que prossegue a marcha da revolução, apesar de todos os entraves lançados pelo imperialismo.

RESPOSTA — Ainda quanto ao primeiro aspecto da sua pergunta inicial queria frizar que a estrutura colonialista não foi desmembrada e que neste momento há condições propícias para a implantação do neo-colonialismo. A própria Pide não foi desmantelada e todo o quadro administrativo se mantém intacto.

REVOLUÇÃO — INTER-LIGAÇÃO PORTUGAL-ANGOLA — Relacionando com a possibilidade de implantação do neo-colonialismo em Angola há um ponto que tem sido muito referido

ultimamente, segundo o qual o avanço dum correcto processo de descolonização em Angola está dependente do desenrolar do processo revolucionário em Portugal.

Assim, uma viragem para as direitas em Portugal favorece largamente a implantação do neo-colonialismo em Angola.

RESPOSTA — Nós somos, aliás os primeiros a dizer que assim como não pode haver um processo político correcto em Portugal, sem uma correcta descolonização em Angola, também não poderá haver uma correcta libertação do povo angolano sem uma libertação política em Portugal.

Há portanto, uma interpenetração de factores embora cada um dos processos obedeça a uma determinada dinâmica que lhe é própria.

De resto o 11 de Março é a prova cabal disto. Se é verdade que as forças reaccionárias perderam aqui, não é menos verdade que verificamos em Angola uma tentativa cada vez maior do reforço das direitas, como tentando compensar a perda aqui sofrida.

Continua pág. 12

para os objectivos da revolução, cerrando fileiras em torno do MPLA e desempenhando um importante papel desde a politização das massas à alfabetização, à higienização, a juventude tem ocorrido e dado o seu esforço consciente do seu papel no processo revolucionário.

Ainda há duas semanas um des-tacamento da JMPLA que se dirigiu para uma campanha de alfabetização e politização das massas, foi barbaramente perseguido pela FNLA, tal é o perigo que eles vêem na JMPLA. Dos 80 camaradas, 40 foram presos e 12 foram mortos pelo FNLA. Isto mostra bem qual o papel que a juventude joga.

Tem sido, pois, muito importante a acção da juventude, que se tem manifestado em todos os sectores, desde o ensino à saúde, à higiene, à produção.

A juventude angolana, seguindo o exemplo de Hoji Ya Henda não perde de vista todas as características do processo angolano e avança cada vez mais fortemente

no processo revolucionário em prol das massas mais exploradas do nosso país.

As comemorações em Angola, do "14 de Abril" começaram no dia 11 e prolongam-se até ao dia 15. Neste momento, é um acto de heroísmo, perante as ameaças agressoras que de todo o lado nos fazem a FNLA e a UNITA; é muito difícil levar-se a cabo um trabalho correcto. Mas os camaradas do JMPLA avançaram na sua tarefa e têm estado a cumprir, pois quando se luta por uma causa justa, a primeira coisa a ser riscado é exactamente o medo, e os camaradas do JMPLA não conhecem nem o medo físico nem o medo psicológico na medida em que, se assim fosse, as massas abandonariam, pura e simplesmente, o combate, o que havia de se traduzir na entrega de Angola aos apetites do imperialismo.

Se se verificar aquela hipótese que nós adiantámos, a da generalização do conflito, pois então estamos cientes que a juventude irá jogar um papel decisivo."

a actual SITUAÇÃO EM ANGOLA

Ora as direitas que, neste momento atacam em Angola, são comandadas pelo mesmo capital que aqui se tentou salvar no 11 de Março — os bancos, os grandes grupos económicos, as companhias com interesses em Angola.

REVOLUÇÃO: Vocês admitem que o facto de por hipótese, o governo português ter que enviar mais contingente para Angola, venha a abrir aqui um flanco, favorecendo uma intervenção das direitas ou mesmo imperialista?

RESPOSTA — Há, realmente largos sectores militares portugueses que aventam essa hipótese — desenvolve-se em Angola a ofensiva direitista para que Portugal aí concentre as suas forças armadas e, deste modo, abra o flanco à reacção imperialista.

Mas este argumento não tolhe — é muito militar para ser politicamente certo.

O que é preciso é qualificar a que título iriam esses novos contingentes para Angola. Só assim podemos avançar. Em auxílio de quem iam esses contingentes? Apoiariam a reacção ou as forças progressistas? Esta é a questão fundamental.

Se fossem em apoio da reacção

entrariam pelo menos em contradição formal, com o processo que se pretende cá desenvolver.

Se fossem em apoio das forças progressistas, então pensamos que daí até talvez pudesse advir mais força à dinâmica do actual processo português.

REVOLUÇÃO: Mas, concretamente, como é que pensam que uma correcta descolonização em Angola favorece o avanço do processo revolucionário em Portugal?

A RESPOSTA — Claro que isso entra numa linha que ultrapassa o quadro de Angola, e tem muito a ver com as relações de Portugal com os países progressistas, com a definição duma política de não-alinhamento.

Mas a correcta descolonização em Angola há-de traduzir-se num aspecto que interessa muito, que é cortar as bases da reacção em Angola, cortar as bases que as forças reaccionárias portuguesas ainda têm em Angola. E isto é muito importante, para além doutras consequências que existiriam a nível internacional.

REVOLUÇÃO: Para finalizar e voltando à hipótese da generalização do conflito, queria perguntar-vos o que

pensam sobre o cumprimento do Acordo do Alvor?

RESPOSTA — Bom, para já, a lei fundamental, segundo esse acordo deveria ter entrado em funcionamento até 31 de Março, e ainda nem sequer há sombras dela...

Claro que o Acordo do Alvor está pura e simplesmente ultrapassado pela dinâmica interna está a ser diária e que constantemente violado, tal como os outros acordos assinados entre os comandos militares.

A única via coerentemente revolucionária que se pode abrir a todos os revolucionários angolanos é, pois, a luta.

REVOLUÇÃO: Mas a luta favorece a intervenção estrangeira...

RESPOSTA — Nós estamos conscientes disso. Mas a guerra depende de condições que agora neste momento, não existem. Mas até lá talvez se pudesse utilizar um paliativo que seria um programa mínimo de acção comum, o qual, estamos cientes seria constantemente violado.



visita de Agostinho Neto a Benguela

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES UMA CARTA

CONTINUAÇÃO

Companheiros:

Assisti ao vosso comício de dia 13. Como de costume, identifiquei-me com muitos dos pontos que fazem parte da vossa ideologia. Confesso que, ideologicamente estou muito mais inclinado para as soluções libertárias do que para as marxistas, embora não recuse o marxismo, e até o adopte como método de análise, o que parece que não está vedado a ninguém, nem sequer ao inimigo de classe: a Burguesia.

Sempre tive um grande respeito por todas as componentes do movimento operário mundial, desde anarco-sindicalistas até aos próprios estalinistas apesar de ser visceralmente contrário às ideias (?) Stalinistas. Todos eles foram mais mais ou menos mártires da Repressão Burguesa.

E a terceira carta que vos escrevi, e decidi abandonar o tom jocoso e até provocatório que tenho usado. Os factos que foram divulgados no Comício de C. Ourique são demasiado graves, para que possamos fazer espírito. Eu era um dos principais contestadores da designação de Social-Fascismo atribuído ao PCP e quejando. Agora reconheço, aliás como o PRP reconheceu, que esse Partido, traidor da classe, merece absolutamente esse qualificativo. É urgente tornar pública a denúncia das organizações que se servem abusivamente do sagrado nome da

classe trabalhadora, para a trair e servir interesses mesquinhos e partidários.

Todo o poder corrompe, dizia com toda a razão Proudhon. E esse poder que deve unicamente pertencer às classes laboriosas, exige uma vigilância apertada e a eliminação violenta dos Partidos e Organizações Traidoras.

Todos nós conhecemos as traições que os falsos comunistas do PCP têm cometido, com denúncias dos melhores filhos da classe (caso dos anarquistas, no Tarrafal, caso Pulido Valente, etc.), além de sabotar todas as lutas autónomas dos trabalhadores.

Impressionou-me a honestidade do PRP, afirmando que é a classe e não o Partido que fará a Revolução e tomará o poder. Como Comunista libertário, estou completamente de acordo, embora não tenha o mesmo conceito de poder que os Comunistas Autoritários.

Se já admirava o PRP pela sua linha ideológica, fico agora com a certeza que não existe só teoria, mas algo mais importante: a prática revolucionária, a entrega total aos objectivos últimos dos explorados e oprimidos: o total esmagamento da besta Capitalista e seus lacaios.

Saudações Revolucionárias
Vosso companheiro.

R. M.

A Libertação do Vietnam

Está a atravessar a sua fase final, a resistência do governo fantoche do Vietnam do Sul, às forças libertadoras da Frente de Libertação Nacional. Após 30 anos de lutas, em que o Vietnam afrontou o Imperialismo mundial, representado primeiro, pela agressão do militarismo expansionista japonês, depois pela guerra contra a opressão colonial dos franceses, e na sua última fase pela aventura neo-colonial dos E.U.A., o povo vietnamita tem a vitória ao seu

alcance, que é simultaneamente a vitória militar, política e ideológica dos povos oprimidos e explorados do mundo, frente à hegemonia imperialista.

A longa luta do heróico povo do Vietnam, começa há cerca de meio século, quando os seus futuros leaders, como Ho-Chi-Minh, se encontravam na França colonizadora.

1975 — O exército de libertação está às portas de Saigão, deixando

atrás de si a quase totalidade do território libertado. As constantes violações dos Acordos de Paris, estão prestes a ter o seu termo, pondo em prática os dois princípios básicos para a instauração da paz definitiva no Vietnam.

— O respeito pelos direitos fundamentais do povo vietnamita e o direito à auto-determinação da população sul-vietnamita.

O respeito pela soberania, a independência, a unidade e a integridade territorial do Vietnam.

LOTTA CONTINUA

Continuação pág. 13

proletária no nosso país. Isto não significa que o nosso máximo interesse pela luta de classes em Portugal, não nos leve a procurar o máximo de unidade por iniciativas comuns. Nós não temos partidos preferidos e pensamos que a construção de um partido revolucionário em Portugal ainda tem muitos passos a dar. Somos ser oportuno o confronto político acerca da estratégia e seus princípios gerais que regem a tática que este confron-

to seja levado avante sem nenhum sectarismo, entre revolucionários com a máxima abertura.

Uma nossa delegação operária já visitou o vosso país e outras se lhe seguirão. Desde sempre, na História, os revolucionários souberam tirar lições das revoluções nos outros países. Assim aconteceu desde o tempo da Comuna de Paris e das lições que Marx soube transmitir à I Internacional.

Nós não temos necessidade de dogmas e de novas farsas internacionais, tentamos com-

prender melhor a crise do imperialismo, as dificuldades que atravessa a burguesia e sobre a força que nasce do proletariado, a partir das lutas travadas pelo mesmo proletariado.

"O Comunismo é o movimento real que destrói o estado de coisas existente". Este é o princípio estratégico do marxismo

O partido é necessário para que vença a Revolução.

Prestamos tanta atenção a Portugal porque queremos que a Revolução vença na Itália.

LUTA

um exemplo de internacionalismo proletário

LOTTA CONTINUA

Lotta Continua surge numa luta desencadeada pelos operários da Fiat em 1969.

A organização autónoma surge nesta data como um novo processo na luta de classes e como única forma de fazer face ao reformismo.

Nestes últimos anos em Itália, a luta de classes teve fases diferentes. Numa primeira fase em que a classe operária começou a organizar-se autonomamente, surgiram formas espontâneas de organização fora e contra os sindicatos.

Assistiu-se em seguida a um processo levado a cabo pelos sindicatos, no sentido de entrar nas fábricas, com uma estrutura intermédia, entre a organização autónoma e a linha geral do sindicato, (que é dominado pelo P.C.I.). Travou-se grande luta nos conselhos de delegados (eleitos e revogáveis nas bases) entre uma linha revolucionária e as posições

reformistas, mas o proletariado com toda a sua capacidade de organização conseguiu impor a direcção das suas lutas.

partidos que tomam o poder.

"São as massas, com a sua organização própria, que, num período pré-revolucionário se transformam numa organização capaz de reunir a maioria da classe operária, a maioria do proletariado, que na sua própria organização, nos conselhos de fábrica, em verdadeiros soviets, que possam surgir a nível de fábrica, a nível regional, tomam o poder".

Elementos desta organização estão em Portugal, acompanhando de perto o processo português, para uma troca de experiências entre as situações portuguesa e italiana.

Falaram-nos da situação em Portugal, e do interesse que esta tem suscitado no proletariado italiano.

Roma no dia 19 com a Revolução Portuguesa

Estamos preparando para 19 de Abril, uma grande manifestação em Roma, de apoio ao processo revolucionário português.

De todo o país irão a Roma, milhares de operários, mulheres e jovens antifascistas manifestarem-se "contra as manobras da NATO, da CIA e do PENTAGONO que pretendem esmagar a revolução portuguesa e levar o jugo neo-colonial ao povo de Angola. Contra o cerco económico, político e militar que a burguesia imperialista europeia e americana querem fazer a Portugal. Contra a campanha de denegrimto anticomunista da Democracia Cristã e dos fascistas sobre Portugal. Apoiamos o povo angolano e os seus combatentes do MPLA. Pela autonomia e independência dos povos do Mediterrâneo".

A palavra de ordem para esta manifestação é: "Portugal não será o Chile da Europa".

Creio que é importante explicar porque há tanto interesse em Itália, entre os proletários, por aquilo que está a acontecer em Portugal. Acho que é importante que seja claro, porque em Itália o apoio às forças revolucionárias portuguesas, é uma discriminatória entre revolucionários e revisionistas.

Depois do 11 de Março, enquanto os operários olhavam com entusiasmo a forma como os proletários e soldados souberam "golpear um golpe", o PCI começou a ter medo de Portugal.

Quando foi ilegalizado o PDC de

Osório, o PCI chegou ao ponto de condenar esta decisão, como antidemocrática, distanciando-se inclusivé do PCP.

A Democracia Cristã italiana, que é o partido do grande capital, da protecção dos fascistas, da submissão ao imperialismo americano, é o partido mais odiado pelo proletariado italiano, é o maior inimigo da luta de classes no nosso país. O PCI abandonando completamente a classe operária quer aliar-se com o partido dos monopólios, para chegar ao governo. Chama a esta política de cedência "compromisso histórico". Ora Portugal é o exemplo vivo de que esta linha é impossível, que contra a reacção, só a ofensiva proletária pode vencer, que o imperialismo nunca cederá nada, se não for atacado frontalmente. O PCI não quer que a Itália saia da NATO; nós (e a maioria dos operários conosco) sabemos que só inserindo-se na crise do imperialismo, e tornando-a mais aguda se pode encaminhar um processo revolucionário.

Estas são as razões, porque a discussão sobre Portugal, nos distingue dos revisionistas, e nos mistura com a maioria dos proletários. Esta a razão porque nas fábricas e nos quartéis, a discussão sobre Portugal se transforma imediatamente numa discussão sobre a revolução e a maneira como se poderá vencer.

O reformista Allende antes de morrer disse que a força tinha vencido contra a razão. Nós pen-

samos que o problema da revolução proletária é que a força se mistura com a razão, que os operários se possam armar no momento em que o estado burguês entra em crise, e a instabilidade do poder, origina uma situação revolucionária. Isto é um ensinamento de grande importância que nos chega de Portugal. Pensando nisto e apoiando as vossas vitórias os

A força da classe operária

Os operários seguem apaixonadamente a vossa experiência, ao contrário da política seguida pelos revisionistas.

É neste extraordinário interesse o sinal da força, da unidade e da maturidade da classe operária italiana. No nosso país, depois de 69, a luta não mais se interrompeu, e um processo de unificação da classe, intensificou-se de um modo irreversível. A isto corresponde uma crise profunda do Partido do regime, a Democracia Cristã, que na Itália se identifica com o aparelho de estado. O nosso exército é muito diferente do vosso, não sofreu 13 anos de conflitos nas colónias, não se dividiu. Os Estudados-Maiores são fascistas e são muito raros os oficiais progressistas. Todavia, um forte movimento

operários aderirão à manifestação de Lotta Continua no dia 19 de Abril. Será uma manifestação de

apoio à democracia operária e à necessidade da ditadura do proletariado. Portugal oferece-nos uma óptima ocasião para que, após

decénios no ocidente se possa recomeçar a falar concretamente nestes assuntos.

de massas dos soldados desenvolveu-se nos quartéis e hoje existe uma organização nacional que se chama "Proletari in Divisa", isto é, "proletários fardados". O desenvolvimento da organização autónoma dos soldados, cresceu paralelamente com a luta operária. Muitos soldados saíram para as ruas em Roma; no dia 19, embora seja muito arriscado manifestarem-se. Será possível criarem-se formas de camaradagem entre soldados portugueses e soldados italianos, nos próximos meses, para nós isto será muito importante. Sabem que os comunicados do RAL 1 e o apelo da primeira assembleia de marinheiros foram lidos e discutidos em muitos quartéis? Pois isto parece-nos ser muito significativo.

crise prolongada do imperialismo, concorrem para determinar uma situação favorável à revolução.

Nos nossos países e em todo o mundo a tendência geral é a revolução. Para nós esta não é uma frase vazia: deriva duma análise científica que fazemos da crise em que se precipitou a divisão bipolar do mundo, que se criou em Yalta, no fim da 2.ª Guerra Mundial.

As perspectivas da revolução, todavia estão intimamente ligadas à possibilidade de a partir de agora poder ser praticada uma linha de independência nacional. Por isso, entre as nossas palavras de ordem está a da autonomia e neutralidade do Mediterrâneo. Sabemos porém que esta linha só poderá ser defendida e levada avante com coerência, quando no interior dos países esteja o proletariado em armas, isto é, quando o imperialismo não tiver nenhuma possibilidade de pressão e de chantagem no interior.

E neste prisma que nos parece justo apoiar a posição do sector progressista do MFA contra o imperialismo. Mas sabemos que não será absolutamente suficiente que só com a força do proletariado e o avanço do processo revolucionário poderemos fazer frente às manobras de cerco económico e militar.

É bom não termos ilusões. Num momento de crise e de forte instabilidade o imperialismo não pode permitir a vitória da revolução em Portugal.

Isto teria um significado avassalador para a luta de classes em todos os países europeus, sobretudo da Itália e da Espanha. Por isso deverão ser distribuídas armas em Portugal e, ao mesmo tempo, enorme será a mobilização operária internacional de apoio ao vosso país.

A nossa concepção do internacionalismo proletário

Na Itália a Lotta Continua foi a única organização revolucionária que desde o início seguiu com atenção o processo revolucionário português e que agora se empenha a fundo no apoio internacionalista em todas as componentes e forças revolucionárias do nosso país.

Acreditamos que é oportuno clarificar as coisas que entendemos fazer. É evidente que como organização comunista de vanguarda italiana, a tarefa principal para nós é sermos o instrumento para a revolução



Lisboa: Manifestação de apoio ao MPLA. Um exemplo de internacionalismo proletário

As perspectivas na Europa e no Mediterrâneo

São muitos os motivos, pelos quais, os nossos países são tão semelhantes nesta fase. A situação de instabilidade e de tendência para a guerra que existe no Médio Oriente e em todo o Mediterrâneo; a crise económica do capitalismo; a decadência do Império americano na Indochina e a grave crise que

atravessa a NATO, depois da saída da Grécia, as dificuldades que existem com a Turquia e naturalmente, Portugal, junta-se a situação da Espanha na orla duma crise mortal do fascismo que agregará novas forças para a revolução.

Todas estas componentes do quadro instável que caracteriza a

actividade partidária

Na última semana, foram levadas a cabo diversas actividades pelo Plenário, em Lisboa, convocado PRP-BR, de entre as quais destacamos os Comícios realizados na Quinta da Lomba (Barreiro), Viana Revolucionários.

do Alentejo e Sacavém, no dia 11; Évora e Setúbal, no dia 12; em Lisboa (Campo de Ourique) no dia 13. Também se realizaram Plenários como, por exemplo no Porto.

Militantes do PRP-BR e outras organizações, assim como trabalhadores sem partido, soldados e oficiais revolucionários, da situação política, económica e

Nesse Plenário foi eleito um Secretariado Provisório, que entrou imediatamente em funções, marcando-se um Congresso, a realizar nos próximos dias 19 e 20 de Abril, em local a designar.

Os temas dominantes nos diversos Comícios foram: a análise da situação política, económica e

social do País; a formação de Conselhos Revolucionários e a posição do PRP-BR, face às actuais eleições.

Na análise que o nosso Partido transmitiu à classe, acentuou-se a impossibilidade de estabilização da situação em democracia burguesa, o papel desmobilizador da realização das eleições, o enquadramento de Portugal no panorama político mundial, como país dependente do Imperialismo e a urgência da formação dos Conselhos Revolucionários, como embrião do futuro poder dos trabalhadores - a Ditadura do Proletariado.

Foi denunciada a política gradualista do reformismo, que nunca conseguirá implantar o socialismo, por via pacífica, sendo apresentada como única alternativa, a organização armada de trabalhadores e militares, com a destruição do actual Exército burguês e a formação de um Exército Popular, saído dos Conselhos Revolucionários.

Como de costume, após as intervenções dos camaradas do Partido, foram abertos amplos debates, estabelecendo-se o diálogo e o confronto de ideias, entre o PRP-BR e a assistência, onde se discutiu a linha do Partido, a sua interpretação sobre o actual momento político e a urgência da formação de Conselhos Revolucionários.



Comício do PRP-BR realizado no Clube Atlético de Campo de Ourique

Comícios a realizar

VALENÇA (Minho) — dia 18

SANTA MARTA DE PORTUZELO (V. do Castelo) - dia 19

ALVARÃES (V. do Castelo) — dia 22

CASTELO BRANCO — dia 21

AMADORA — Na Sociedade Filarmónica Recreativa Artística — dia 17

CARNIDE — No CARNIDE Clube — dia 21

TRÓIA (TORRALTA) — dia 17

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS**

**Dom
Seg Ter Qua Sex
Qui Sab**

A Semana

Continuação pág. 15

Mais à frente o comunicado anuncia as nacionalizações dos sectores básicos da actividade económica (Indústria, Transportes e Comunicações).

Sem dúvida que as contradições deste texto (fala-se em Revolução Socialista e em economia de transição para o socialismo),

devem reflectir as próprias contradições internas do Conselho da Revolução. Mas, seja como for, começaram já a ser escritas no papel expressões que, ainda há bem pouco tempo, pareciam às mais diversas organizações políticas que se reclamam de esquerda como relegadas para um futuro longínquo.

Ou será que se usam as mesmas expressões com significados diferentes?

— É agora a vez dos bispos, reunidos em conferência episcopal, aconselharem o eleitor a não votar em branco! Santa Aliança esta que engloba o PPD o PS e os Bispos!

Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15
ALGÉS DE CIMA

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169, 1.º

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, 6
Tel. 2763267 / 2763397 / 2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LISBOA — Sede Central do Partido
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Organização Regional de Lisboa
Av. da República, 75 (a abrir brevemente)

Jornal "Revolução"
Rua do Arco do Carvalho, 1, 5.º Dt.º — Tel. 682323

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 32-34

MANGUALDE — Rua Nova, 20

MARINHA GRANDE — Av. 1.º de Maio, 35-37

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1

PORTO — Rotunda da Boavista, 76, 3.º Esq.
Tel. 695080

Rua Álvares Cabral, 110
Tel. 315759 / 315786

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espergueira
Tel. 22558

UISEU — Rua Cândido dos Reis, 55

Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68
(a abrir brevemente)

ALMADA — Rua Trindade Coelho — CACILHAS
(a abrir brevemente)

Segunda-feira, dia 14

Anuncia-se, com entrada em vigor desde o dia 1 de Maio, um subsídio de desemprego no valor de dois terços ou metade do salário mínimo nacional, respectivamente para desempregados com ou sem encargos familiares.

Será que o Governo Provisório pensa que uma pessoa pode subsistir com 1650\$00 ?

— A FEC (m-l) realiza uma manifestação em que protesta contra a sua ilegalização.

Com seg Ter Qua Sex Qui Sab

A SERRA

Terça-feira, dia 8

— Vasco Gonçalves abordou, em Conferência de Imprensa, a transição pacífica para o socialismo. Ouçana-lo:

«Sobre a nossa opção política: opção política do Movimento das Forças Armadas é uma opção política generalizada das forças progressivas patrióticas do nosso País; nós pretendemos construir uma sociedade socialista. Mas pensamos que o socialismo não pode ser construído de um dia para o outro. Temos de entrar numa via de transição; nós vamos ter uma economia de transição para o socialismo, nós não podemos dizer que vamos ter o socialismo daqui a tantos anos porque isto é um processo que deve desenrolar-se à medida da consciencialização política e ideológica do nosso povo e à medida em que sejam reunidas as condições concretas para tomar e dar os passos em frente nesse caminho. Não há ninguém, que de boa-fé e honestamente, possa dizer: nós teremos o socialismo em Portugal dentro de tantos anos. Nós tendemos de facto para isso; é esse o nosso objectivo final, mas devemos alcançá-lo com o mínimo de distúrbios e de convulsões, possível, no nosso País. Nós pensamos mesmo que o nosso País reúne hoje, à partida, condições que lhe possibilitam caminhar nessa via de forma pacífica».

Refere-se o Primeiro-Ministro, entre outras coisas, a uma economia de transição para o socialismo. Mas, perguntamos nós, que alternativa tem o reformismo, sob o ponto de vista económico? Como é possível, por exemplo, alterar o actual circuito comercial sem se tocar na pequena e média burguesias, sectores sociais tão do agrado dos reformistas?

— Ver página 1-A

Quarta-feira, dia 9

No RAL 1 comemorou-se o Dia da Unidade, tendo o respectivo Comandante, o coronel Leal de Almeida, proferido, entre outras, as seguintes palavras:

«No moderno Exército Português as pontas das baionetas estarão, doravante, viradas para o exterior, intervindo internamente só a título excepcional e na qualidade de ágeis

e conhecedores bisturis que só servirão para extirpar velhas excrescências ou tumores nefastos herdados do antigo regime.

«Não serão, ainda, ameaças do exterior que nos farão recuar... A admissível probabilidade de uma derrota militar, numa guerra convencional opõe-se a certeza inevitável de uma vitória posterior numa guerra subversiva para a qual temos, se necessário, toda uma geração duramente preparada.

«Que disto fiquem bem cientes todos aqueles que ainda admitem viável qualquer hipótese para o retrocesso do processo em curso.

«Há que distinguir entre aqueles que prometem o socialismo e aqueles que são capazes de o realizar. Populações confiantes perguntam-nos em quem deverão votar, insistindo no seu apoio ao MFA.

— O Boletim n.º 14 do MFA aconselha, em editorial, quem quer que seja que «não estando, em consciência, capacitado para fazer essa opção partidária (...)» a deitar o voto em branco.

Neste mesmo exemplar do Boletim do MFA afirma-se que «o espírito do Programa do MFA, não significa, por via das nacionalizações, a substituição duma economia capitalista de tipo monopolista por um capitalismo de estado». E, mais à frente, sublinha-se a necessidade de colocar «cada vez mais as massas populares na vanguarda do processo revolucionário, papel que historicamente lhes pertence e que uma revolução genuinamente socialista não pode negar na prática, sob pena de se reduzir a um simulacro de revolução».

Em nome da Assembleia de delegados desta unidade, falou o primeiro-cabo Ramalhal:

«Deveríamos hoje festejar o dia da Unidade, mas, como bem sabemos, isso é impossível. Não podemos festejar este dia enquanto justiça não for feita ao camarada morto e ao Povo Português, que, de uma maneira tão infame, foi traído. Isto tem que se fazer ouvir. Justiça E justiça não como forma de vingança, como certos elementos querem fazer supor, mas sim como uma exigência para a defesa da democracia e dos interesses do Povo Português. Porque estamos nós a permitir que a reacção continue a elevar cada vez mais a sua voz, colocando-nos dentro de uma atmosfera de

nervosismo que só nos leva a perder as capacidades necessárias para levar até ao fim o papel importante que nos está destinado?»

E mais adiante:

«Vamos, pois, estar continuamente atentos e vigilantes. Mas não podemos, de modo algum, vacilar quando nos propõem formas irreais e insensatas de responder aos diversos ataques que se têm vindo a verificar e que, estamos conscientes, não acabaram.»

— São presas cerca de 30 pessoas acusadas de terem ligações com o ELP ou estarem, por algum modo, implicados no 11 de Março.

— É divulgada a plataforma do MFA com os seis partidos que a assinaram. Trata-se dum documento com disposições para a Assembleia Constituinte funcionamento, bem como sobre a estrutura futura dos órgãos de poder e respectivas atribuições.

Quinta-feira, dia 10

A Comissão executiva dos trabalhadores do jornal «A Capital», tal como o respectivo conselho de administração, emitiu um comunicado a respeito da eventual venda deste jornal ao MRPP.

Os dois comunicados negam que tenha havido qualquer espécie de transacção, mas nenhum deles nega que Saldanha Sanches tenha tido contactos com vista à participação do MRPP no capital social da sociedade gráfica «A Capital».

— Rockefeller, vice-presidente dos Estados Unidos, disse que os acontecimentos em Portugal são «os mais trágicos em termos do futuro da liberdade no Mundo».

Pelos vistos, o imperialismo está atento...

— Os trabalhadores da Sociedade Central de Cervejas (SCC) denunciam num comunicado o actual Secretário de Estado do Turismo, como sendo um «homem de confiança da alta-finança (ex-administrador da Siderurgia e da Cuca) é um dos ponta-de-lança do grande capital, introduzido no primeiro Governo Provisório pelo ex-general Spínola, como secretário de Estado do Tesouro».

Segundo o mesmo comunicado, Alves Conde, enquanto Secretário de Estado do Tesouro, chegava mesmo ao ponto de aconselhar as companhias cervejeiras a investir no Brasil e a não investir em Portugal.

Sexta-feira, dia 11

— Os partidos eleitoralistas, como era de esperar, reagiram fortemente ao conselho dado pelo MFA para que quem não se encontrasse esclarecido entregasse o voto em branco.

É assim que José Ferreira, candidato do Partido Socialista por Lisboa, afirmou no comício deste mesmo partido em Algés: «Não vote em branco, porque uma folha em branco é sempre uma folha onde se pode escrever.»

Deste modo, parece que o candidato do PS não está muito seguro quanto à veracidade da contagem dos votos em 25 de Abril próximo. Ou terá ele algum outro motivo que não quis tornar público?...

— Também o PPD reagiu violentamente ao voto em branco. Assim, através dum comunicado da sua Comissão Coordenadora da Campanha eleitoral, afirma que «votar em branco é demitir-se e deixar-se dominar pelos outros».

Já para Alfredo de Sousa, segundo «O Século» do dia 12, o incitamento ao voto em branco é «uma nova política fascista». Ora, que saibamos, apenas o MFA aconselhou a população, caso não se encontrasse esclarecida, a votar em branco. Querará este dirigente do PPD afirmar que o MFA é fascista? Que outra conclusão se pode tirar das suas palavras?

De resto, o mesmo Alfredo de Sousa afirmou mais adiante que «infelizmente não temos responsabilidade nas pastas da economia, mas, se isso acontecesse, outro galo cantaria...»

E o dirigente do PPD termina desta forma o seu mais do que reaccionário discurso, proferido na sede do Rato: «Se tivermos a coragem de falar livremente até ao fim — não nos vencerão!»

Como se vê, camaradas, o perigo não é só o CDS...

— Em entrevista concedida desta feita à ANI, Rosa Coutinho voltou a estar na baila.

Abordando a questão de quem nos apoia e de quem não nos apoia, afirmou a determinada altura: «E estou a lembrar-me, neste momento, dos comentários do próprio Partido Comunista Italiano, mais preocupado com as suas lutas internas e as suas alianças dentro da coligação governamental italiana, do que propriamente com o desenvolvimento da revolução portuguesa e dos seus reflexos na Europa.»

Mais adiante, referiu-se nestes termos a um eventual bloqueio a que Portugal venha a estar sujeito: «Mas também tem de haver uma confiança do povo português que, com orgulho, finalmente, da vida que tem, e da ideologia que representa perante o Mundo, saiba resistir a esses ataques que, normalmente também não resistem muito tempo à acção determinada de um povo. Tenhamos como exemplo o que se passou com o Vietname e com Cuba. Espero que o mesmo se há-de passar em Portugal.»

— Costa Gomes, no discurso que proferiu na cerimónia da assinatura do pacto com o MFA, afirmou a determinada altura:

«Finalmente, havemos de convir que os partidos autênticos não dispuseram ainda de tempo para a

disseminação suficiente das suas ideologias; muitos eleitores vão, incorrectamente, transferir para os outros a sua decisão no voto, enquanto outros continuam hesitantes numa escolha definitiva.

Sábado, dia 12

— Com a presença de soldados, de trabalhadores que mais se têm destacado nas lutas, e de alguns militantes de diversas organizações da esquerda revolucionária, continuou o Plenário iniciado na véspera, com vista à discussão da necessidade de criação de Conselhos Revolucionários de fábrica, de empresa, de localidade e de quartel, à escala nacional.

— Por decisão do Conselho da Revolução a FEC (M-I) fica com a suas actividades na Rádio e na Televisão suspensas por cinco dias, em virtude de «por várias vezes ter feito ataques ao MFA e à estrutura das Forças Armadas, com o nitido intuito de provocar a confusão e a indisciplina.»

— O «Diário de Notícias» informa, nestes termos, a passagem de Manuel Abrantes de Oliveira do PCP para a PIDE, e desta novamente para o PC:

«Deu entrada no reduto norte do Forte de Caxias, Manuel Abrantes de Oliveira, antigo membro de uma célula do Partido Comunista, até que, em 1958, foi preso pela ex-PIDE/DGS. Por coacção de elementos daquela organização, tornou-se informador, sob o pseudónimo de «Manuel Tomar», funções que exerceu até 1965, altura em que, compenetrado da traição que vinha fazendo aos seus camaradas, decidiu emigrar para a Holanda. Tendo, posteriormente, regressado a Portugal, empregou-se na Sorefama, onde se encontrava a trabalhar em 25 de Abril de 1974, após o que voltou a integrar-se no Partido Comunista.

Domingo, dia 13

— É tornado público um comunicado do Conselho da Revolução em que surge, inegavelmente, uma linguagem até hoje nunca vista em textos emanados de órgãos do poder.

A par de parágrafos que englobam conceitos contraditórios — «É agora necessário e imperioso reconstruir a economia por uma via de transição para o socialismo. Está em causa consolidar os primeiros passos concretos da nossa Revolução Socialista e realizar novos avanços nessa direcção (...)» — a verdade é que surgem expressões como «É necessário que os trabalhadores sintam que a economia já não lhes é estranha, ou seja, que a construção socialista da economia é tarefa deles e para eles. Isto implica a afirmação clara do princípio de controlo organizado de produção pelos trabalhadores (...)»

Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA & C.ª - Trav. Condessa do Rio, 7-9 /// Distribuição: DIG - Rua das Chagas, 2 - Lisboa

PORQUE VOTAMOS EM BRANCO NAS ELEIÇÕES BURGUESAS

EDITORIAL

No momento actual, a par do eleitoralismo, que se enquadra na crise política, um problema central se põe, que é o problema do poder, que quanto a nós se confunde com o problema da violência.

Em consequência entendemos que a tarefa principal para o proletariado é a da organização para a tomada do poder, a qual subentende a organização para a defesa contra o imperialismo.

E neste momento é o poder que se discute, como se discutem as formas que ele há-de assumir. Está em jogo a sobrevivência da Revolução Socialista aqui, como está em jogo que a ditadura do proletariado assuma ou não uma forma superior de organização.

E de surgirem várias formas de oportunismo, possíveis são os candidatos ao exercício do poder em nome da classe operária. E há resistência de vária ordem à aceitação da ideia de que será o proletariado a ter o poder. Há resistências de vária ordem à aceitação da ditadura do proletariado; são mais uma vez resistências que tem a ver com a defesa de interesses de classe (burguesa) e com a conciliação.

E por isso que, a par da corrida para as eleições uma outra corrida se faz. Os partidos de esquerda sabem que não perdem a jogada. E para alguns deles, os reformistas, perder a jogada significa perder a cara perante uma população que os vê "inchados" de poder todos os dias. Necessitam por isso de salvar a cara e a situação; para isso removem soluções com a calma fria de quem se senta à secretária e faz contas. Só que as contas, em política podem sair furadas, por muitos meios que se tenha... Os meios não fazem milagres.

Todos os dias chovem boatos acerca de organizações da reacção, golpes da

reacção. A maior parte das vezes não se sabe a origem, não se encontra a fonte, não se confirmam. Mas o clima fica criado. Clima que justifica uma "vigilância" que serve para criar ou ostentar poder. Isto é brincar com o fogo! É, realmente, quebrar a vigilância, é acabar por tornar as pessoas indiferentes, é desgastar. Isto é concerteza muito bem manobrado pelo imperialismo para servir os seus intentos. Porque o imperialismo, que é mestre em manobras, ri de alto das manobras da esquerda portuguesa! E quem perde são os trabalhadores e a perspectiva revolucionária!

Pois que as manobras, as conspirações de palácio ou caserna, pretendem servir a substituição dumas cúpulas por outras cúpulas, por muito bem intencionadas que sejam. Quantos virão dizer que amam o "bom povo" e falar de decidir em seu nome?

O processo revolucionário que se impõe é um processo aberto e franco, claro e à luz do dia. É a insurreição, a qual se confunde sim com a defesa contra a reacção, mas que se tem de basear numa vasta organização de base que envolva todos os trabalhadores e todos os soldados. Só estruturas eleitas na base, unitárias, apoiadas em assembleias, poderão conduzir o processo revolucionário. A isso correspondem os Conselhos Revolucionários, que não são deste ou daquele partido, mas que são dos trabalhadores, porque eleitos por eles nas fábricas e nos quartéis.

Todo o trabalho de conspiração neste momento serve interesses partidários e como tal deve ser desmascarado. Não aceitamos mais paizinhos para a classe. Esta é maior e capaz de encontrar por si própria as formas de organização e de luta para o processo revolucionário. Ou então será derrotada.

Temos vindo a fazer uma análise da situação política, económica e social deste país, que afirma não haver possibilidade de estabilização de democracia burguesa em Portugal. Temos vindo a dizer que, ou os revolucionários constroem rapidamente uma alternativa e fazem avançar o processo revolucionário neste país ou, então, é a contra-revolução, é o regresso ao fascismo.

Em consequência desta análise, que acontecimentos ainda recentes têm confirmado, o recusar a participação nestas eleições não é esquerdismo - trata-se das consequências práticas de uma determinada análise. Como perante os inimigos - capitalismo ou reformismo-revisionismo - há que determinar o inimigo principal (e nós dizemos que é o capitalismo), também, face aos vários terrenos de luta, há que determinar o central. Face à situação concreta, e pelo avaliar das forças revolucionárias, nós consideramos que o terreno central (e neste caso exclusivo) é o que passa pela organização e armamento de um bloco histórico, capaz não só de uma defesa adequada perante a reacção, mas capaz também de, no momento próprio, passar a uma ofensiva vitoriosa contra o inimigo de classe. Esse bloco histórico é constituído pela classe operária, por militantes revolucionários com e sem partido, por soldados e marinheiros, por oficiais revolucionários.

Neste momento e neste contexto, consideramos indispensável reservar 100% das nossas forças na organização deste bloco histórico. Desviarmos quaisquer energias deste terreno poderia ser fatal, seria mesmo um crime cometido em relação à classe e à revolução.

Nas lutas em torno de necessidades concretas e imediatas - ocupações de casas, terras, barcos, fábricas - a classe operária e os tra-

balhadores em geral têm apreendido mais, têm posto mais em causa o poder burguês do que nesta campanha eleitoral, onde as grandes palavras bonitas e mistificadoras, associadas a variadas manobras partidárias, dividem e confundem as massas trabalhadoras.

Entrámos numa campanha em que todos falam de democracia e de socialismo, desde o CDS ao PCP. E, enquanto é proibida a propaganda de organizações de esquerda, burgueses e reacionários, antigos comprometidos com o regime fascista, fazem todos os dias na rádio e na TV campanhas de envenenamento da opinião pública.

Mas, uma vez que não vamos às eleições, não seria justo aconselharmos a votação em organizações de esquerda, como várias vezes nos têm perguntado alguns camaradas em sessões de esclarecimento do nosso partido?

Pela análise que temos vindo a fazer consideramos que estas eleições nada representam de bom para o proletariado, nada vão resolver em prol dos seus interesses de classe. Pelo contrário, fomentam ilusões e são instrumentalizadas pelos partidos burgueses e reformistas. Aconselharmos uma votação em organizações de esquerda, além de em nada contribuir para o avanço do processo revolucionário em Portugal (até já há um pacto celebrado entre vários partidos, entre os quais o CDS e o PC), seria colaborar numa farsa, seria fomentar ilusões, seria participar nas manobras partidárias, seria, também caucionar o reformismo.

É por isso que nós votamos apenas na classe operária, é por isso que nós votamos na criação e desenvolvimento dos Conselhos Revolucionários e é por isso que nós vamos VOTAR EM BRANCO nas eleições burguesas.



Comício do PRP-BR realizado no Clube Atlético de Campo de Ourique (pág. 14)

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME

MORADA

LOCALIDADE

PROFISSÃO

LOCAL DE TRABALHO

ASSINATURA: Semestral — 85\$00

Anual — 170\$00

PAGAMENTO: Em cheque

Em Vale